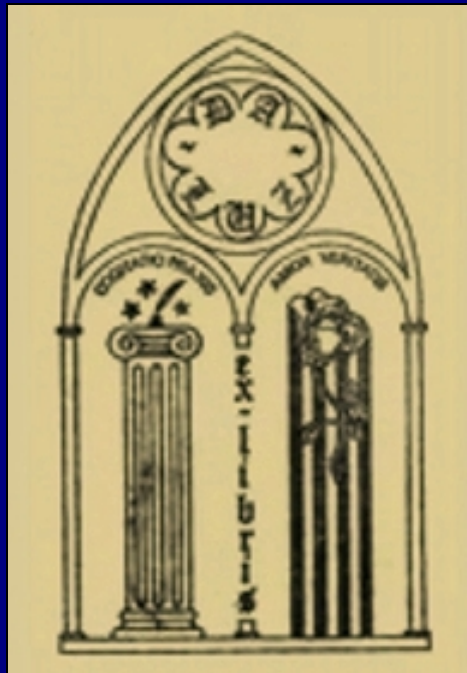


CRÍTICA DA CULTURA E COMUNICAÇÃO SOCIAL



Por

Jacob (J.) Lumier



Web sitio Produção Leituras do Século XX – PLSV:

Literatura Digital

<http://www.leiturasjlumieraautor.pro.br>

CRÍTICA DA CULTURA E COMUNICAÇÃO SOCIAL

A análise do tradicional na modernização 

Postagens e artigos publicados na Page **Reflexão e Crítica**, Junto à rede do OpenFSM
< <http://openfsm.net/people/jpgdn37/reflexao-e-critica> >

Por

Jacob (J.) Lumier



Websitio Produção Leituras do Século XX – PLSV:

Literatura Digital

<http://www.leiturasjлумieraautor.pro.br>

Rio de Janeiro, Janeiro de 2009



Websitio Produção Leituras do Século XX – PLSV:

Literatura Digital

<http://www.leiturasjлумieraautor.pro.br>

CRÍTICA DA CULTURA E COMUNICAÇÃO SOCIAL

Por

Jacob (J.) Lumier

APRESENTAÇÃO

Para uma Sociologia do Romantismo

► Neste ensaio situamos a crítica da cultura pela análise do tradicional na modernização desenvolvida por Ernst Bloch nas antípodas de Max Weber.

Comentamos a leitura sociológica do Gótico Tardio na Alemanha pondo em relevo a história social na experiência das insurgências camponesas dos séculos XV e XVI como vinculada à história das heresias cristãs.

Tivemos em conta o interesse deste tema para a desmistificação da cultura de massa e da indústria cultural na atual voga de um romantismo chamado "Gothic", não somente considerado como "*gosto do obscuro*", mas indevidamente valorizado como "*paixão das trevas*", que teria nascido de uma visão fantasmagórica da Idade Média atribuída aos românticos como Novalis.

Como se sabe, os simpatizantes do chamado "movimento gothic", que fez a fama de certos grupos do Rock'n'roll, vendo no romantismo do século XIX uma "reabilitação" da Idade Média e do seu imaginário misterioso, nos dirão que os românticos são os responsáveis pelo surgimento da "gothic novel" ou "romam noir", normalmente ambientados em castelos sombrios e ambientes tenebrosos.

Paralelamente ao *embelezamento do passado* no cultivado "mistério da História", o romantismo literário do século XIX teria um "lado escuro" levando ao pessimismo, à loucura, aos sonhos, sombras, decomposição, queda, atração pelo abismo (trevas) e morte, bem como à urgência pela vida.

Para os simpatizantes do gothic, no "dark side" do romantismo se encontrariam praticamente todos os elementos fantásticos que fascinam a indústria cultural e atingem certas camadas da juventude nos dias de hoje.

Por contra, notando a ilegitimidade em valorizar o "lado escuro" do romantismo, nos agarramos ao ponto de vista de que toda a literatura afirma um horizonte, afirma a criação enlaçada à aspiração, de tal sorte que o *Moyen âge* do romantismo somente terá valor positivo uma vez integrado na história da modernização, em especial na *contradição não-contemporânea*, de que nos fala Ernst Bloch.



CRÍTICA DA CULTURA E COMUNICAÇÃO SOCIAL

Por
Jacob (J.) Lumier

SUMÁRIO

OBSERVAÇÕES PARA A CRÍTICA DA CULTURA	5
HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA COLETIVA NA MODERNIZAÇÃO ACCELERADA DOS ANOS VINTE:	21
Pré-capitalismo e Crítica da Cultura Tradicional do ponto de vista das regiões mais vinculadas ao medievo (Notas sobre Ernst Bloch)	21
MILENARISMO E INSURGÊNCIA:.....	33
Fragmentos para a Leitura de Ernst Bloch.	33
O TRADICIONAL NA MODERNIZAÇÃO.....	55
Fragmentos para a Leitura de Ernst Bloch-II.....	55
O realismo Estético, a análise das insurgências camponesas dos séculos XV e XVI e o elemento postulativo histórico-filosófico em obra: descobrindo o gótico tardio no milenarismo.	59
A Marcha do Gótico Tardio, a Renascença e a História das Heresias.	64
NOTAS COMPLEMENTARES.....	68



OBSERVAÇÕES PARA A CRÍTICA DA CULTURA

por

Jacob (J.) Lumier

Versão original em 19/02/2008 < <http://wsf2008.net/es/node/7002> >

A Crítica da Cultura e o Mundo da Comunicação.

Por

Jacob (J.) Lumier

Para refletir sobre contracultura, anticapitalismo e crítica da cultura deve-se observar o seguinte:

- Que se trata de três aspectos da realidade social-histórica descoberta detrás do salto tecnológico da cibernética, cuja referência principal é a extensão dos Direitos Civis e Políticos nos EUA, na seqüência da *March for Jobs and Freedom* ocorrida no início dos anos sessenta.

- Que o salto tecnológico da cibernética fez acentuar a liberdade de expressão, com os meios de comunicação de massa desempenhando um papel essencial para repercutir e projetar em ampla escala as manifestações de comportamento, os fatos políticos e as condutas efervescentes ligadas às aspirações coletivas, de tal sorte que os eventos dos anos sessenta revelam a função de comunicação social prevalecendo sobre as ideologias, tornadas estas mensagens de mídia, incluindo o anticapitalismo ou antiimperialismo.

- A Crítica da Cultura é liberdade de expressão, suscita ou convoca a consciência da irracionalidade da civilização técnica notada a partir da inelutável especialização^[i] favorecendo a revalorização dos direitos sociais e as aberturas ideológicas, inclusive nas mídias – ou, como diriam *les utopistes concrets*^[ii]: aberturas geográfica, religiosa, étnica, social.



○ Portanto, liberdade de expressão no sentido mais efetivo de liberdade intelectual – para lembrar o conceito desdogmatizador de Spinoza – que se exerce com anterioridade histórica em relação às mídias e não em dependência destas.

○ Quer dizer, orientada para o efetivismo como o elemento das liberdades, como o caráter humano das liberdades, a Crítica da Cultura põe em questão o irrealismo como a perda do contato da realidade social sob todas as suas formas, e se exerce igualmente como crítica do (des-)conhecimento político (carência de realismo no conhecimento político em sua combinação de partidarismo e realismo ^[iii]).

○ O quadro de referência para compreender a Crítica da Cultura é a democracia Ocidental notadamente o movimento em liberdade de expressão configurando a revolução social que consagrou a extensão dos direitos civis e políticos nos EUA.

○ Como se sabe a “*Marcha sobre Washington para a criação de emprego e liberdade*” foi um grande comício político que teve lugar em Washington, DC, em 28 de agosto de 1963. Martin Luther King, Jr. aí pronunciou seu histórico “*I Have a Dream*”: discurso de promoção da harmonia racial proclamada no Lincoln Memorial durante a marcha. Cerca de 250.000 pessoas participaram na marcha, se estima que 200.000 eram afro-americanos e 50.000 eram brancos.

○ Essa marcha que constitui o acontecimento de mais alta significação para a história da segunda metade do século XX reanimando por todo o mundo as condutas efervescentes ligadas às aspirações coletivas democráticas foi organizada pelos movimentos pró-direitos civis e sociais e organizações religiosas. Depois da marcha, a Lei de Direitos Civis (1964) e a Lei dos Direitos de Votação Nacional (1965) foram aprovadas.

○ Como se não bastasse, deve-se notar que o festival de Woodstock sucedido em Agosto de 1969 chegou não só em meio ao drama “*Vietnam*”, mas se inscreve notadamente no âmbito dessa revolução social no país com a extensão dos direitos civis.



○ The Woodstock Music and Art Fair foi o maior *happening* da contracultura valendo como recordatório da juventude e do excesso de hedonismo dos anos sessenta. Sua significação política está em ter constituído o contrapeso social mais decisivo para apaziguar a discórdia racial nos Estados Unidos (na seqüência de Woodstock os grupos de autodefesa se desmobilizaram). Muitos dos maiores artistas dos anos sessenta estavam no Festival onde cerca de 500.000 "hippies" se reuniram para celebrar sob o lema de "três dias de paz y música".

○ Por sua vez, cabe lembrar que a noção de revolução social como redução da exclusão e extensão dos direitos civis e políticos tem raízes na evolução das cidades-livres e seus Conselhos com a diferenciação do eleitor moderno. A evolução das cidades livres desde o século XIV caracterizou uma verdadeira revolução municipal, que deu nascimento aos governos provisórios. Tais centros da indústria e do comércio são ao mesmo tempo (a) - os centros da inspiração intelectual e da ressurreição do direito romano; (b) - as sedes de onde parte o conhecimento perceptivo do mundo exterior e de onde partirá, finalmente, o movimento da Renascença.

○ A Federação das cidades liberadas e suas hierarquias de grupos, como as hierarquias dos mestres de ofícios, as das intendências, as das associações de companheiros e aprendizes, as das sociedades comerciais representa um vasto movimento de liberação das "comunas" urbanas com seus conselhos municipais, onde estão representadas as sociedades comerciais e as corporações de ofícios (para Saint-Simon, este movimento marca o começo da era industrial, com a superação progressiva dos "ociosos" pelos "produtivos") ^{liv}.

A Crítica Social

► Em sentido estrito, a Crítica da Cultura relaciona a Modernização, a literatura e arte de avant-garde – contemplando notadamente expressionismo e surrealismo –, o romance e o individualismo.

Como se sabe, o interesse sociológico na literatura do século XX aprofunda no individualismo para focar-se na própria *individuation burguesa*, na possibilidade mesma do que constitui ou diferencia um indivíduo de outro indivíduo em contexto de alienação. Daí o *domínio conexo entre a estética sociológica e as teorias metapsicológicas*, já que à objetivação do



humano nas estruturas corresponde o surgimento da subjetividade, a aspiração aos valores que resta em estado de aspiração, uma cultura que não se individualiza.

Daí igualmente a *simples* subjetividade como pensamento letargado, perplexo, chegando à **ataraxia**, a qual não deve ser confundida às alienações mentais subjetivas, esquizofrenias ou delírios patogênicos em face da realidade e freqüentemente provocados no envolvimento do indivíduo em alternativas inconciliáveis para o sentimento de felicidade.

Com efeito, *em sociologia a busca da individuação na composição literária de avant-garde deve levar em conta a coisificação não somente como condição da ruptura libertadora, condição negativa, mas como a forma positiva que torna objetivo o trauma subjetivo, como o caráter de mercadoria assumido pela relação entre os homens*. O modelo da tradição do romance que vem do século XVIII, desde o Iluminismo, tendo por objeto o conflito entre o homem vivo e as petrificadas relações sociais, é uma referência limitada ao nível ideológico e, falta de *crítica social*, não atende à exigência de *justiça poética*, não evita colocar os personagens em injustiça pelo não reconhecimento ou pela descaracterização do *perfil neurótico* desempenhado.

T.W. Adorno acentua a **crítica social** não só como ponto de vista aproximadamente freudiano sobre a busca da individuação (objetivação do trauma subjetivo), porém *equipara a crítica social ao conhecimento de que a promessa humanista da civilização afirma o humano como incluindo em si juntamente com a contradição da coisificação também a coisificação mesma*.

Nesse caráter de mercadoria assumido pela relação entre os homens, uma relação que se esqueceu de si mesma – *forma positiva que torna objetivo o trauma subjetivo* – a busca da individuação passa pela forma reflexa afirmando a *falsa consciência* que o homem tem de si mesmo e que é decorrente dos seus fundamentos econômicos. *Essa falsa consciência configura por sua vez o homem coisificado não somente como uma realidade crítico-teórica, mas dá-lhe expressão como um homem obnubilado diante de si mesmo*.

Daí, finalmente, desse *estado patético* procede a figura recorrente na literatura de *avant-garde* do *personagem neurótico* como afirmação da individuação buscada no contexto da Standardização e da indústria cultural, o personagem com alcance crítico e por isso com valor artístico positivo.

De fato, se a *justiça poética* é uma noção reflexiva aplicável à *utopia negativa* como tema configurando o campo da arte e literatura de *avant-garde* e se tal noção vale para designar *o modo pelo qual o autor, como artista, deve observar e aplicar a forma de objetivação na composição dos personagens*, sua figuração da **ataraxia** (ou até mesmo da ancilose, como em “*A Metamorfose*”, de Kafka), isto é, sua assimilação ou seu distanciamento para com a crítica social (1), então temos que a atitude efetiva assumida em face desse modo composicional ou dessa crítica social leva a distinguir um momento positivo e um momento negativo interpenetrados na utopia negativa. É o que T.W. Adorno nos sugere e suas análises esclarecem.

Portanto, não é só como ponto de vista aproximadamente freudiano sobre a busca da individuação (objetivação do trauma subjetivo) que se compreende *a crítica social*. Há



igualmente como vimos o conhecimento de que a promessa humanista da civilização afirma o humano como incluindo em si juntamente com a contradição da coisificação também a coisificação mesma.

NOTA (1): Para o humano vivente neste mundo histórico a atitude estóica é inacessível fora da crítica social. A **ataraxia** não é preferência por um modo de vida alternativo, mas é *uma descoberta*.

Romantismo e Cultura Obscura

► Nesta linha iremos encontrar a crítica da cultura pela análise do tradicional na modernização desenvolvida por Ernst Bloch nas antípodas de Max Weber. Orientação esta fundada na história do Gótico Tardio na Alemanha e na experiência das revoluções camponesas dos séculos XV e XVI como vinculada à história das heresias cristãs.

À luz desta orientação crítica se coloca em questão igualmente o chamado estilo *gothic*, considerado não somente como gosto do obscuro, mas como paixão das trevas, que teria nascido de uma visão fantasmagórica da Idade Média atribuída aos românticos.

Com efeito. Quando se busca uma definição para o que seria *gothic* ou *dark* nos dias de hoje, no mundo da indústria cultural, além da referência às manifestações comportamentais e indumentárias de feição tida por não-conformista ou “*tribo urbana*”, que recebeu essa denominação, admite-se freqüentemente em maneira confusa o seguinte: (a) - ser *gothic ou dark* relaciona-se mais a uma opção estética do que qualquer outra coisa; (b) – este sentido estético particular apresenta características definidas principalmente no que se refere às temáticas abordadas, mas não constituiria em si nenhuma escola artística específica, absorvendo influências diversas, unindo em um mesmo caldeirão influências românticas, surrealistas, expressionistas *y muchas otras más*.

Os simpatizantes do chamado “movimento gothic”, que fez a fama de certos grupos do Rock’n’roll, vendo no romantismo do século XIX uma espécie de “reabilitação” da Idade Média e do seu imaginário misterioso, nos dirão que os românticos são os responsáveis pelo surgimento da “gothic novel” ou “romam noir”, normalmente ambientados em castelos sombrios e ambientes tenebrosos.

Paralelamente ao embelezamento do passado no cultivado mistério da História, o romantismo literário do século XIX teria um “lado escuro” levando ao pessimismo, à loucura, aos sonhos, sombras, decomposição, queda, atração pelo abismo (trevas) e morte, bem como à urgência pela vida. Para os simpatizantes do *gothic*, como vimos, no “*dark side*” do romantismo se encontrariam praticamente todos os elementos estéticos que tanto deliciam os góticos até os dias de hoje... Além da sua origem através da *gothic novel*.

Sem dúvida, essa abordagem do *gothic* como *paixão das trevas*, sendo cogitada pelo aspecto da filosofia da arte suscita um tema crítico, a saber: será legítimo falar de estética no lado escuro do romantismo tendo em conta que toda a arte afirma um horizonte, afirma a criação enlaçada à aspiração?



O gosto das "trevas pelas trevas", a atração pelo abissal não será nihilismo? Não será uma apologia do *Nihil ex-nihilo*, uma filosofia do *nada que se tira do nada*, portanto negação absoluta da criação tornada *non-sense* absoluto? Dizer que o *gothic* como atração das trevas constituiria uma opção estética não será paradoxal? Mesmo que procedente do romantismo à Novalis?

Ultrapassando a noção simples de *cultura obscura*, reservada para designar unicamente as ambiências com pouca luz e muitas sombras, alguns idealizadores do *gothic* nos dirão ainda que "a celebração da noite escura" como passando a ser o lugar privilegiado da evocação dionisíaca^{lv} se faz no romantismo literário, tomando-se como exemplo a obra de Novalis (*Hinos à Noite*).

Por essa mistificação do noturno, conduzindo a uma transposição nihilista do dionisíaco, acredita-se que na "urgência pela vida" do romantismo haveria o resgate de fantasiosos e irrisórios "valores noturnos" levando ao pessimismo, à loucura, aos sonhos, às sombras, à decomposição, à queda, à atração pelo abismo (trevas) e morte.

Para os simpatizantes do *gothic*, portanto, no "*dark side*" do romantismo se encontrariam praticamente todos os elementos estéticos que dão motivo e estilo aos apreciadores dessa figuração da tradição gótica.

A indústria cultural

► Neste e-book haverá oportunidade para inferir sobre o artificialismo de uma abordagem artística sobre o *gothic* como *cultura obscura* identificada à paixão das trevas.

Como se sabe depois das análises de Theodor W. Adorno, no século XX toda a abordagem artística só é válida se compreende que a arte assume sua liberdade distanciando-se das classes desfavorecidas: essa negatividade da cultura faz parte de sua verdade.

Mediante o primado do divertimento, a indústria cultural no século vinte abusa das precauções em relação às massas fornecendo-lhes as distrações procuradas por quem em seus lazes busca escapar às rotinas do trabalho automatizado.

Todavia, a indústria cultural não lhe oferece para isto senão os produtos que são a cópia do seu trabalho, já que produzidos segundo os mesmos procedimentos automatizados de toda a produção industrial: a mesma divisão do trabalho, a mesma estandardização.

Deste ponto de vista, o chamado *gothic* é cultura de massa, é tribo urbana, é fenômeno comportamental e não opção estética, a não ser que se prolongue artificialmente a noção do estético para incluir o comportamental, as indumentárias, os *estereótipos de consumo* e desse modo venham a falar de um sentido estético no que é habitual.

Sem dúvida, estender a mesma concepção de arte e estética que se aplica para situar o romantismo literário do século XIX, visando nessa ampliação incluir o comportamental e



as indumentárias do mundo standardizado da comunicação, será pelo menos um posicionamento muito problemático.

Tanto mais repellido quanto limitam-se à opções ou preferências previamente estabelecidas e padronizadas, como o são os estereótipos de contestação social, sobretudo as veleidades produzidas ou induzidas pela indústria cultural sobre os seus consumidores.

Em suma: haveria um mentalizado sentido de satisfação particular, tido supostamente por estético, no habitual de certas veleidades aceitas como contestação social e identificadas aos comportamentos ou "estilos" de certos grupos de admiradores-consumidores da chamada *cultura obscura*, diferenciados pelo gosto das ambiências sombrias e imagens fúnebres na literatura, sobretudo no cinema e *Rock and Roll*: os chamados *gothics*.

Certamente, tal questão é mais do que mero reflexo das correntes atuais na cultura de massa que, em estilo semelhante ao devocionismo, cultivam o *gosto do obscuro*. O *Dark* é maneira de revalorizar menções alusivas às misteriosas *potências das trevas*, muito à feição das lendárias bandas do *Heavy Metal* que impulsionaram junto com os "headbanger" inclusive o chamado *Gothic*, tendência cultora da elegante arte cemiterial ^[vi].

Corrente de índole artística com impacto produtivo nas mídias, a *cultura obscura* encontrou-se reforçada na esteira de filmes fantásticos com *Star Wars*. Para isso contribuíram as imagens da adoração iconoclasta de certos efeitos mentais para-normais e as menções alusivas a uma entidade do *escuro* espaço sideral dita a *Força*.

Absolutamente fictícias (dentro da própria ficção), a emanar da inverossímil simbiose com seres incorpóreos viventes, tais concepções difundidas em *Star Wars* são absolutamente impróprias para aludir a qualquer totemismo artístico.

Aliás, não há horizonte etnológico nessa arte de superstições cabalistas e truques tecnológicos de George Lucas. A tal *Força* ubíqua sem *mito* nem *alienação* é exaltada por um gnomo (*Dragonlance*) alienígena, o poderoso Mestre Yoda que não passa de um *Gremlin* civilizado.

Tal é a fantasia antiexperimental que se revelou tão atrativa aos admiradores do *déjà vu* à maneira equivocada da utopia negativa em Aldous Huxley (*Brave New World*, 1932): um futurismo de aparência inconformista perpetuado no filme fantástico por contraste com as antecipações futuristas de *Jornada nas Estrelas* (*Star Trek*), onde o futurismo é mais a expressão de um futuro virtual do que projeção do sistema presente para mais além.

Portanto, como vemos, não há maneira de repelir a questão sobre a ambiência obscura do chamado filme fantástico sem menosprezar o caráter contestatório da supersticiosa fantasia *Dark* com forte apelo ao romantismo de um público juvenil em renovada rebeldia ante a prosaica vida futura de incertezas constantes. Devemos então discuti-la.



Cultura Obscura e Expressionismo

► Com efeito, abrindo-se ao público da cultura obscura podemos ler certa interpretação da história da arte no cinema cuja intenção é voltada para aproximar do *Dark* os filmes do expressionismo.

Nessa aproximação tudo se passa como se a obscuridade da ambiência fosse o componente diferencial da histórica arte das montagens, máscaras, deformações. Por exemplo, há quem sustente na Internet sob a categoria “o expressionismo e o fantástico” a inclusão na galeria expressionista de certos filmes que lhe são bem posteriores tomando como critério simplesmente a menção alusiva a uma “potência das trevas”, numa tentativa de nos passar a sugestão de que esta imagem seria predominante no *Nosferatu*, de Murnau, ou nela se concentrasse todo o alcance contestatório desta notável obra dos anos de 1920*.

Os equívocos são nítidos e se sucedem uns aos outros desde a concepção errônea de que <l'expressionnisme allemand invoque une obscure vie marécageuse où plongent toutes choses, soit déchiquetées par les ombres, soit enfoui dans les brumes. La vie non-organique des choses, une vie terrible qui ignore la sagesse et les bornes de l'organisme tel est le premier principe de l'expressionnisme, valable pour la nature entière, c'est à dire pour l'esprit inconscient perdu dans les ténèbres, lumière devenue opaque.>

Nessa falsa interpretação que, desprezando o paradigma dos artistas plásticos do expressionismo confunde essa arte com o chamado “film noir”, favorecendo, sobretudo o chamado “filme fantástico”, prenda dos seus afetos, termina-se por colocar no mesmo saco os filmes sobre Frankenstein e os de Alfred Hitchcock ou de John Ford.

Devemos, pois nos acautelar contra tais páginas que semeiam a confusão. Não há em absoluto menção alusiva alguma a “potências das trevas” no expressionismo, seu caráter contestatório tem horizonte na existência e pode inspirar o ideal político. Certamente a relação com a realidade a pintar não é inocente. A realidade será apreendida em uma perspectiva exclusivamente antropomórfica consistindo em dar um sentido humano mesmo ao inanimado.

Raramente os expressionistas pintam a paisagem em si, escolhem freqüentemente a figura humana ela mesma, lapidada pela exigência do sentido. Em vez da paisagem simplesmente, nas obras expressionistas nos defrontamos a uma realidade produzida pelo homem: a realidade a pintar traz objetividade humana são os ambientes interiores, os jardins, pontes, cidade, porto, culturas...

É certo que no expressionismo não há louvação do motivo à maneira dos realistas. O espaço e os meios pictóricos são submetidos à significação que revela em maneira crua a inanição <d'une condition dite encore "humaine" par commodité, mais déjà objectivée, mangée par les produits de l'activité industrielle. C'est l'émergence picturale et esthétique d'un intolérable malaise, réclamant partout et à tout prix de l'humanité et ne trouvant quasiment que du fabriqué, un réel manufacturé qui porte encore le signe de l'homme sans plus être l'humain en soi >3.



No expressionismo a realidade não é para ser reconhecida simplesmente, mas passa para-além do nível representacional. É uma colocação em ordem deliberadamente significativa e não reprodução no idêntico do visível. Trata-se para os artistas expressionistas de produzir um sentido humano subjetivo que seja um sobressalto de raiva, de desespero ou mesmo de esperança contra a desumanidade do ambiente objetivo.

Daí O GRITO (Skrik), de Edvard Munch, ser considerado um símbolo existencial do homem moderno e farol do expressionismo em pintura. Representa uma pessoa caminhando sobre uma ponte, com as mãos pressionando as orelhas, os olhos vazios e a boca grande aberta em um grito aparentemente inaudível.

E não há modo de confundir a menção alusiva a *trevas* dos filmes fantásticos com a figura literária e filosófica do *subterrâneo* notada nos filmes do expressionismo.

Sem perder de vista que a literatura de vanguarda é alimentada na contracultura pelo **Homem do Subsolo**, de Dostoyevski, sabe-se que, desde a **Alegoria da Caverna** na filosofia de Platão, o escuro significa um mundo de sombras, de lusco-fusco, de imagens imprecisas (*ídolos*) onde o homem se encontra encadeado, constrangido a olhar só para a parede na sua frente, ficando com a mente embotada, preocupando-se apenas com as coisas mesquinhas do seu dia-a-dia, dominado pelas sensações e pelos sentidos mais primários, enfim, o homem em situação de desconhecimento e ignorância (*agnosis*) por oposição ao homem habitando a claridade, podendo investigar e inquirir tudo ao seu redor e alcançando a ciência (*gnose*), o conhecimento (*episteme*) e as formas perfeitas. Trata-se de uma alegoria introduzida no *Diálogo* platônico por Sócrates a fim de fazer compreender a seus interlocutores a natureza da idéia do Bem.

Para compreender a figura das ambiências sombrias, portanto, devemos situá-las do ponto de vista da filosofia. Quer dizer, devemos ter em conta que, na época de Platão, como *lugar* de onde se joga a transparência, a caverna tem alcance de contestação, servindo ao filósofo para elaborar uma imagem crítica da sua *city* então decadente, cuja ordem moral havia sido pervertida ao desprezar a filosofia mediante a condenação de Sócrates e a perseguição a Pitágoras.

Portanto, não há *trevas* e a figura subterrânea da caverna vale para contrabalançar o mundo ilusório no qual viviam os cidadãos. Aliás, no filme recente considerado expressionista "*Batman: Returns*", de Tim Burton (Warner Bros, 1992) não será outro o estatuto dessa figura subterrânea da caverna: a *batcaverna* está em oposição a uma *Gotham City* dominada pelo caos e mostra o lugar **underground** e igualmente caótico em suas duplicidades de onde a alternativa/alteridade pode ser alcançada.

Quanto a **Nosferatu**, de Murnau, realizado em 1921, é considerado a pedra de toque do expressionismo alemão. Tornou-se mais lembrado depois do filme homônimo de Werner Herzog em 1979, com Klaus Kinski no papel título, com o qual, porém, não deve ser comparado.

A utilização de lugares reais e *décors* estilizados faz dele um clássico da idade de ouro do cinema, com o subtítulo **Sinfonia do Horror**, tendo seu vampiresco conde *Orlock* de olhar rodeado por um círculo de fuligem a exprimir a mais intensa solidão e um desespero febril, aparentando sair diretamente de uma tela de Edvard Munch.

Nosferatu foi considerado um filme marcado de romantismo (a idéia de uma passagem para o outro lado do espelho) que nasceu de uma ambiência de crise dos



valores do individualismo, cercada de todas as incertezas morais, políticas e econômicas de uma modernização industrial acelerada na Alemanha dos anos vinte.

Como se vê, sendo um símbolo existencial, o cinema expressionista fugia de toda a representação realista sem rejeitar, todavia a figuração e a narração. Se comprazia na exasperação das formas e dos contrastes, na desrealização dos décors e dos personagens, para assentar um *mundo de artifícios no limite da abstração*.

O Romantismo na Modernização

O *Moyen âge* do romantismo se integra na contradição não-contemporânea.

► Nada obstante, resta que, por não acolher uma estética, o romantismo acrescenta algo de sonho que a filosofia da arte compreende na função utópica à medida que trata de estabelecer em nível das superestruturas a eficácia diferenciada dos sonhos passados, como atividade onírica in-dormida, para além do freudismo.

Com efeito, como se verá neste ensaio, no realismo estético de Ernst Bloch a função utópica é enfocada como o conteúdo que em estado de princípio cada um pode encontrar em os diferentes Nós que apreende e que por este mesmo estado de princípio, por aspiração, a arte pode pôr no horizonte que lhe é essencial.

Em sua obra de 1954 “**Le Príncipe Espérance**” ^[viii], a função utópica é estabelecida no conhecimento filosófico como pulsão imprescindível à auto-conservação, sendo a partir dessa compreensão que Ernst Bloch a classificará na extensão do **desejo de ser melhor aquinhoado**, o qual resta em fato e necessariamente irrealizado no estado de atenção, base fenomenológica de toda a comunicação existencial. Haverá, pois que distinguir dentre as imagens simbólicas ideais em que a sociologia estuda a moralidade ideológica aquelas outras que, ultrapassando-as, devem ser compreendidas, sobretudo como imagens-aspiração.

Vale dizer, se incluem nestas imagens-aspiração as imagens formadas de sonhos passados, as imagens diferenciadamente formadas pelo elemento onírico da arte que integram o ideal estético realista ou entelequial, sendo exatamente os sonhos passados que servem de critério da **não-contemporaneidade**.

Acresce que as formas passadas ou pré-capitalistas jamais tornaram em fatos realizados os conteúdos visados do **solar**, do **solo**, dos **de-baixo**, de sorte que esses focos do tradicional na cultura já guardam desde o começo a qualidade de intenções insatisfeitas.

Além disso, notando que estas intenções insatisfeitas passam ao longo da história por contradições veladas, Ernst Bloch as examinará desde a colocação em perspectiva



filosófica, para além da psicologia representacional, tratando-as como *conteúdos intencionais não ainda trazidos à luz do passado na realidade da cultura*, o que o levará a definir o campo estético em eficácia como o *concretamente utópico*.

O exame das intenções insatisfeitas colocadas em perspectiva filosófica como *conteúdos intencionais não ainda trazidos à luz do passado na realidade da cultura* torna possível penetrar na psicologia fenomenológica do tradicional na modernização.

A partir dessa orientação dialética em profundidade torna-se possível, portanto penetrar na psicologia fenomenológica do tradicional. A análise crítica histórica descobrirá então o seguinte: (a) – foram extintos os deveres, os ramos da cultura e estado mental da *antiga pequena burguesia*; (b) – oculto sob essa extinção, o *pequeno homem* se ressentido da falta de alguma coisa habitual, psíquica, móbil, e (c) – este algo habitual em falta não é uma coisa somente econômica, mas é uma carência profunda que no seu ser ele opõe ao tempo do capitalismo.

Entretanto, a análise passa a um grau maior de complexidade ante a constatação de uma coincidência na afirmação deste opor ou contrapor no ser do *pequeno homem* ao tempo mesmo do capitalismo.

Ou seja, o opor dessa ausência ressentida é afirmada desde o âmbito interior do sujeito em feição apática e morna, enquanto no âmbito da vida exterior é afirmada junto com os vestígios estranhos inseridos no tempo presente do capitalismo, é afirmada coincidentemente com os vestígios dos tempos antigos pré-capitalistas que restaram.

Daí, dessa coincidência complexa, decorrem certas características da psicologia fenomenológica do tradicional, como *psicologia em ausência de móbil*, que configuram as características essenciais do campo estético.

Trata-se, portanto, do estado existencial desprovido de significações prévias a que Ernst Bloch refere a "*realidade aberta da cultura*" em sua efetividade.

A potência dessa *psicologia coletiva em ausência de móbil* deve ser interpretada a partir dos rastros e das lacunas de *certa expressão romântica* notada em certas formas literárias ^[viii]. Deve ser interpretada tomando por base a constatação de que a *pequena burguesia tradicional embelezou no presente do capitalismo o passado cultural*: ela opõe a tal presente suas antigas aspirações não realizadas misturadas ao melhor relativo do passado. Esse embelezar estético do passado tem um componente trágico que, todavia, é *concretamente utópico*.

Componente este que não é limitado ao fato de que o melhor relativo embelezado são os aspectos das *formas pré-capitalistas cujos vestígios estão ultrapassados no presente do capitalismo em modernização*.

Por esta via, o componente trágico no embelezar do passado que é também um componente concretamente utópico, põe em relevo o modo do opor do pequeno homem como sendo um modo não-contemporâneo, porque se trata de um opor



afirmado em face de um tempo presente no qual até mesmo a última satisfação também desapareceu^[ix].

Tal o concretamente utópico que define o campo estético em eficácia diferenciado no âmbito das superestruturas ao século XX para as regiões mais enraizadas no medievo, como a Alemanha.

A Análise Dialética do Tradicional

► Desta forma, enfatizando que o legado do passado dentro do processus histórico como matéria das contradições contemporâneas não pode ser adequadamente contemplado caso o enfoque seja limitado ao capitalismo como ao presente em seu estágio último, a reflexão filosófica de Ernst Bloch acentua por contra o elemento positivo que as negatividades reificadas comportam.

Quer dizer, a **matéria** das contradições contemporâneas não é somente a matéria das forças produtivas muito presentes ou desencadeadas com a modernização, mas é também a negatividade extrema de tal situação: é o homem ou o proletário alienado, é o trabalho alienado, é o fetiche da mercadoria, em suma é a inconsistência do nada, do vazio.

Diz-nos que esse elemento positivo se encontra no interior da contradição contemporânea e de sua matéria, no interior das negatividades reificadas e se apresenta sob a forma de *alguma coisa que falta*, se apresenta em fato como a aspiração ao homem completo, ao trabalho não alienado, ao paraíso terrestre.

Há, pois que distinguir na análise do tradicional como positividade uma outra matéria diferenciada: a matéria de uma contradição que se rebela a partir de forças produtivas absolutamente não-desencadeadas: que se rebela a partir de conteúdos intencionais de uma espécie que permanece sempre não-contemporânea^[xi].

Nesse estudo se distingue de início uma universalidade velada, com a qual a espécie que permanece sempre não-contemporânea é em contato: é o elemento subversivo e utópico do homem, da vida, que não foi satisfeito em época alguma, o qual, no realismo estético de Ernst Bloch, será apreciado como o elemento postulativo propriamente histórico-filosófico.

Em seguida se nota que a positividade da espécie não-contemporânea é também em contato com as positividades que foram evocadas muito cedo contra o capitalismo como formas e elementos de uma matéria antiga. Tratando-se em realidade de conteúdos intencionais, essas positividades precoces serão apreciadas como momentos da contradição não-contemporânea, seguintes: (a) – os elementos positivos da burguesia revolucionária, dentre os quais a natureza arcadiana, simbólico-bucólica, de Rousseau; (b) – os elementos positivos misturados de elementos da Restauração; (c) – os elementos misturados de abdicação da revolução, classificados “*ilusões de um passado não posto em dia*” como o **Moyen Âge do romantismo**, incluindo neste, “*o renascimento de um mundo hierarquizado em feição qualitativa e orgânica a partir dos espaços vazios*”.



O fundamento da contradição não-contemporânea é o conto irrealizado do bom velho tempo, o mito literário, a lenda fabulosa mantida sem solução do velho ser obscuro da natureza. Nessa lenda fabulosa se encontra um passado não superado desde o ponto de vista do desenvolvimento das oposições econômicas, mas sob o aspecto material também é um passado que não foi ainda dignificado como passado.

Nesse aprofundamento do concretamente utópico, os momentos da contradição não-contemporânea já estão suscitados na vida do elemento que não foi satisfeito em época alguma e também já o estão na totalidade com vários níveis de realidade histórica ou de passado.

Quer dizer, essa vida da espécie que permanece sempre não-contemporânea e essa totalidade múltipla com a qual é em contato configuram o marco de onde se tira a matéria autêntica que: (a) – se opõe à alienação e que (b) – inspira, seja favorecendo o lado das forças da nova sociedade ou contemplando outros lados, o que Ernst Bloch classifica “o bravio de tornar in-domesticado” (no sentido da figura do “bom selvagem”, de Montaigne a Diderot; daquele que se esquivava de relacionar-se com os homens e se apraz em viver sozinho e retirado). Mais ainda: o bravio do agarramento ao espaço, o bravio da **natureza dionisíaca** (extasiante, inspiradora, entusiasmante) e arcadiana embrulhadora (ou metamorfoseante).

Em poucas palavras: o bravio de tornar in-domesticado em suas modalidades na história literária da humanidade valem nessa filosofia estética histórico-crítica como manifestações da vida da espécie não-contemporânea. Desta forma, se classifica essa vida utópica e essa totalidade múltipla (a) – como espécie humana sob o aspecto da criatura que não foi saciada (inclusive em sua aspiração); (b) – como a advertência profética e o testemunho de esferas (no sentido do conhecimento místico-simbólico) que, acentuando o alcance postulativo da matéria, exigem da própria reflexão filosófico-sociológica, na medida em que é uma reflexão desenvolvendo-se no âmbito do capitalismo, a formulação em termos do problema dessa totalidade com vários níveis de tempos passados.

Note-se que Ernst Bloch ele próprio oferecerá em seu realismo estético uma formulação inicial dessa totalidade com vários níveis de tempos passados. Trata-se de uma formulação que (a) – ultrapassa o cálculo abstrato e reducionista inerente ao capitalismo bem como ultrapassa a orientação em metade racionalista que lhe corresponde também; (b) – desenvolve uma orientação ascética a respeito das exigências da “natureza fabulosa”, tomada esta como não passando de um museu de todos os enigmas sem solução, o que levará nosso autor ao ideal estético realista.

Segundo Ernst Bloch como já o notamos o problema metodológico alcançando o modo de produção capitalista, o problema do legado do passado dentro do processus histórico não pode ser adequadamente apreciado caso a reflexão filosófico-sociológica se



limite ao capitalismo como ao presente em seu estágio último. O fundamento da contradição não-contemporânea é o conto irrealizado do bom velho tempo, o mito literário, a lenda fabulosa mantida sem solução do velho ser obscuro da natureza. Nessa lenda fabulosa se encontra um passado não superado desde o ponto de vista do desenvolvimento das oposições econômicas, mas sob o aspecto material também é um passado que não foi ainda dignificado como passado^[xi].

Conclusão

Na literatura de avant-garde encontram-se motivos artísticos recorrentes que não somente procedem da ambiência tradicional, mas que, confluindo justamente com a reflexão de Ernst Bloch, são tirados da própria história das heresias, como o é ademais a assinalada tentativa sonhada de Joyce.

Sem dúvida é através da história das heresias que se desvela *em cor de realidade* o caráter postulativo, ascético do ambiente tradicional mais enraizado no medievo.

Há que mencionar inclusive a relevância na morfologia social da **forma gótica**, sua persistência como significação prática efetiva na vida rural através do feitiço dos objetos, móveis e mansões. Entretanto, com a história das heresias, em modo muito mais profundo do que um nível cristalizado e estático que apenas simboliza a fixação do apego místico ao solo e à mansão, a análise do tradicional põe em relevo que se trata da própria configuração dinâmica da ambiência coletiva como um todo, se trata da **marcha do gótico tardio** caracterizando com a cor da realidade todo o complexo cultural insurgente dos séculos XV e XVI.

Observação esta tanto mais relevante quanto se põe em relevo a outra face da Renascença, da qual Ernst Bloch dirá ser não a face mais conhecida das musas, do lirismo e versificação, mas a outra face que é orientada no sentido do milenarismo desde Joaquim Di Fiori nos séculos XI e XII até Eckardt, Thomas Münzer, Paracelso, Jacob Boheme. Será esse gótico tardio em marcha que definirá o quadro de referência como incluindo a efervescência dos setores sociais e a rebeldia das massas, e delimitará o campo de percepção dos temas, sobretudo a Guerra dos Camponeses, o movimento iconoclasta (incluindo o anabatismo e os predicadores ambulantes), o espiritualismo (incluindo o visionarismo astrológico e o milenarismo).



Compreendendo as exaltações visionárias e o milenarismo como crença coletiva real, o gótico tardio (séculos XV e XVI) é o fenômeno cultural da ambiência tradicional mais enraizada no medievo do qual se receberá a profundidade do sentimento passado pela realidade estética da cultura.

Finalmente, para encerrar, note-se que a compreensão do milenarismo em filosofia da arte decorre do ideal estético realista em obra (o evoluir autônomo da eficiente interveniência de conteúdos culturais e religiosos) e que esta compreensão por este ideal entelequial^[xi] será confirmada e será recorrente em várias passagens textuais do estudo por nosso autor sobre o teólogo milenarista Thomaz Munzer, lá onde se trata de sublimação ou sedução.

Ensina-nos Ernst Bloch (a) – que o milenarismo se faz de afeições, sonhos (o onírico in-dormido), emoções sérias e puras, entusiasmos projetados para um fim; (b) – que estas manifestações não decaem, mas contribuem para dar cor de realidade a um largo período da história e da vida social; (c) – que tais estados são provenientes de um ponto original criador e determinador de valores que há na alma humana; (d) – que tais estados mantêm em todo o tempo como assunto de permanente atualidade a orientação em profundidade do Século XVI, isto é o milenarismo, afirmado tanto na chamada guerra dos camponeses quanto no movimento anabatista como vertentes da marcha do **gótico tardio**, fenômeno cultural do qual se receberá a profundidade do sentimento passado pela realidade da cultura.

Ensina-nos ainda Ernst Bloch que, nesse caso das insurgências campesinas, do movimento iconoclasta e do espiritualismo, ademais dos elementos do desencadeamento e do conteúdo do conflito que são de ordem econômica, há que considerar justamente o elemento essencial originário em si mesmo, a saber: o retorno do mais antigo sonho; o maior espocar para todo o tempo da história das heresias; o êxtasis do caminhar erguido e da impaciente, rebelde e severa **vontade de paraíso**^[xii].

©2008 by Jacob (J.) Lumier

[1]



Website Produção Leituras do Século XX – PLSV:

Literatura Digital

<http://www.leiturasjлумierautor.pro.br>

[i]

[ii] Ver nossa observação sobre “*O Tema do Impacto da Cibernética na Sociedade: da especialização e do automatismo ao animal abstrato*” http://docs.google.com/View?docid=ddm5qvxx_41f764f2 .

[iii] <http://lesogres.org/>

[iii] Ver nosso artigo “*A Ficção nas Eleições*” link :

http://docs.google.com/View?docid=ddm5qvxx_22hr822v&pli=1

[iv] Ver: http://es.wikipedia.org/wiki/Henri_de_Saint-Simon

http://classiques.uqac.ca/classiques/saint_simon_Claude_henri/physiologie_sociale/physiologie_sociale.html

[v] Em seu livro sobre a arte na Grécia clássica, intitulado “*O Nascimento da Tragédia*”, contrastando-o com Apolo, o filósofo alemão Friedrich Nietzsche considerou Dionísio como símbolo da força vital básica e incontrolada (criação) em face do mundo da Razão, ordem e beleza representado por Apolo. O contraste entre os papéis destas duas divindades do Olimpo deu lugar aos adjetivos apolíneo e dionisíaco.

[vi] Ver a bela *Página da Beatrix* <<http://www.beatrix.pro.br/>> pesquisada nos inícios de Outubro/06.

[vii] Bloch, Ernst: *Das Prinzip Hoffnung*, 3 vol., Berlin 1954/1955/1959. Tradução francesa **Le Principe espérance**, vol. 1, Paris, Gallimard, "Bibliothèque de philosophie", 1976.

[viii] Como se sabe, o *artista romântico* é muito interessado pelo Tempo, tem consciência da *importância da recordação na inspiração*, mostrando-se, porém, inclinado a *sensacionalizar pela memória espacializada as evocações do Eu*.

[ix] Cf. Bloch, Ernst: **Héritage de ce Temps (Erbschaft dieser Zeit**, Zürich, 1935), tradução de Jean Lacoste, Paris, Payot, 1978, 390 pp. Ver pág 108.

[x] Cf. Bloch, Ernst: **Héritage de ce Temps**, op. cit, pp.111.

[xi] Cf. Bloch, Ernst: **Héritage de ce Temps**, op. cit, pp.112.

[xii] Entelequial no sentido de que o ideal estético em obra cria dependências, correlações, estímulos relacionados à sublimação.

[xiii] Ver Bloch, Ernst: **Thomas Münzer, Teólogo de la Revolución**, op. cit.págs.67, 68.

1

1



***HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA COLETIVA NA MODERNIZAÇÃO
ACCELERADA DOS ANOS VINTE:***

***Pré-capitalismo e Crítica da Cultura Tradicional do ponto de vista das
regiões mais vinculadas ao medievo (Notas sobre Ernst Bloch)***

Por

Jacob (J.) Lumier

Rio de Janeiro, Junho 2008



Website Produção Leituras do Século XX – PLSV:

Literatura Digital

<http://www.leiturasilumieraautor.pro.br>

RESUMO

Ernst Bloch empenha-se em busca do campo estético como o concretamente utópico e constata que as formas pré-capitalistas jamais realizaram os conteúdos visados do solar, do solo, dos "de baixo", de sorte que estes focos do tradicional na cultura já guardam desde o começo a qualidade de intenções insatisfeitas.

O problema da análise por Ernst Bloch é a coincidência no momento exterior: o opor não-contemporâneo do pequeno homem que coincide com as manifestações residuais da sociedade antiga sem implicar isto em correlações funcionais com as formas pré-capitalistas.

O estudo dos Anos Vinte por Ernst Bloch se desenvolve a partir da percepção da desagregação dos valores *chevaleresques* feudais em detrimento da pessoa dos camponeses como levando à afirmação do princípio cultural da Igreja.

Deste ponto de vista descobre-se uma profunda ambigüidade e certa complementaridade no processus de abertura do mundo moderno, acentuadas com a obra devastadora da revolução francesa ao fazer desmoronar por completo a superestrutura das relações econômicas do passado remoto (patriarcal e comunitário) [1].

Em conseqüência, afloraram na abertura do mundo moderno as seguintes situações:

1º) – (1a) que a burguesia afirmou a vontade individual ao lograr um poder político e (1b) que esta mesma burguesia, em câmbio, permaneceu debilitada inclusive no aspecto de crença e reconhecimento público do seu modo de ser;

2º) – que, nas regiões do mais tenaz reduto do medievo, como a Alemanha, esse Eu externamente liberado e a ascensão capitalista levaram não ao poder político, mas ao fracasso da vontade individual e à falta de escrúpulos do Estado autoritário. Surgido este, por sua vez, na seqüência de inumeráveis príncipes pavorosamente emancipados todos eles e na base da ausência de unidade econômica combinando-se à falta no país de maturidade política e à inexistência de uma entidade jurídica.

3º) – com o desmoronamento da superestrutura de relações econômicas de um passado remoto, os demais países perderam a *mentalidade comunitária*;

4º) – na Alemanha, essa mentalidade comunitária e até mesmo a profundidade do sentimento de interioridade herdado do gótico tardio e do afundamento na consciência coletiva do tabu sacramental, se subtraindo ao fracasso político, foram se refugiar no âmbito do meramente afetivo e emocional [2] - daí surgirá a psicologia coletiva fenomenológica típica do pequeno homem e o concretamente utópico que sobressaem nas observações de Ernst Bloch sobre os anos vinte.



HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA COLETIVA NA MODERNIZAÇÃO ACELERADA DOS ANOS VINTE:

Pré-capitalismo e Crítica da Cultura Tradicional do ponto de vista das regiões mais vinculadas ao medievo.

Primeira Parte

A tendência refratária ao espírito moderno, a *paysannerie* e a juventude.

Na análise crítica da cultura tradicional oferecida por Ernst Bloch se põe em relevo que a busca do existente, do diverso, do homem obnublado como material artístico se efetua através da constatação de uma tendência refratária ao espírito da máquina e da racionalização.

O primeiro passo no estudo dessa tendência refratária atuando no capitalismo tardio da Alemanha dos Anos Vinte se faz a partir da descrição de certas espécies de vida social mais facilmente observadas por sua dificuldade de integração na modernização acelerada.

Para este fim, a análise utilizará com alcance sociológico a noção de *espécie*, aproveitando a procedência biológica deste termo que guarda o elemento muito antigo do ancestral.

Como conjunto de indivíduos que se reproduzem, as espécies sociais se afirmam no campo micrológico da realidade da cultura não por um caráter coletivo, mas sim pela reprodução de um elemento muito antigo, ancestral, o caráter coletivo sendo tirado dos conjuntos mais amplos na superfície, em relação aos quais os primeiros se diferenciam exatamente como espécies.

Uma espécie recomeça sempre e que vem de muito longe, remarcando no homem tradicional do campo [\[3\]](#) (“*paysannerie*”) esta última qualidade, enquanto a primeira é reservada à juventude, a qual será estudada, sobretudo no interior da classe burguesa [\[4\]](#).



A atitude objetiva moderna da juventude burguesa na Alemanha dos Anos Vinte, naquele tempo em ausência de intenção se mostrará apenas exterior.

Com efeito, a atitude objetiva moderna da juventude burguesa na Alemanha dos Anos Vinte, naquele *tempo em ausência de intenção* [5] se mostrará apenas exterior. Ao invés do apego moderno ao pensamento analítico e aos cálculos, o que se observa é o antigo gosto das qualidades viris conquistadas, do vigor e da franqueza; é o estilo apaixonado e ardente que aparecem mais fortes e valem mais do que as doutrinas.

Nota-se que as palavras exaltantes parecem mais exatas à juventude do que as palavras investigativas; os costumes parecem mais belos do que as cidades em modernização.

Os sonhos passados, compreendidos no sentido de *atividade onírica in-dormida* [6], se associam na juventude à inquietação orgânica de maneira propícia aos movimentos de exaltação personalista, como eram aqueles movimentos alheios à modernização compostos pela *montage* na burguesia [7].

O modo de ser dos adolescentes leva-os a formar facilmente seus clubes procurando fazer amigos e buscando sobretudo um pai que frequentemente não é o seu verdadeiro pai, no sentido de comungar nos mesmos ideais. Os jovens eram seduzidos pela imagem feudal do herói cavaleiresco das antigas ordens estamentais de cavalaria.

Portanto, tendo em conta os fanatismos de que era pródiga a Alemanha dos Anos Vinte, a análise crítica da cultura tradicional irá buscar nesse modo de ser dos adolescentes o exemplo que serve para compreender como a juventude era fácil de seduzir para ingressar em pequenos grupos com um líder conhecido no topo. Por esta via, destaca-se a facilidade dessa juventude burguesa alemã em deixar-se seduzir para participar em associações com juramento de sangue como então havia e aparecia como anormal para a grande burguesia.

Em sua obra “Le Príncipe Espérance”, a função utópica é estabelecida no conhecimento filosófico como pulsão imprescindível à auto-conservação, sendo a partir dessa compreensão que Ernst Bloch a classificará na extensão do *desejo de ser melhor aquinhado*, o qual resta em fato e necessariamente irrealizado no estado de atenção, base fenomenológica de toda a comunicação existencial.

Quanto ao exame na *paysannerie* germânica dessa tendência refratária ao espírito da máquina e da racionalização será não a inquietação orgânica seduzindo para a exaltação personalista, que acabamos de ver em relação à juventude, mas antes o *apego ao solo antigo* que se imporá como elemento ancestral.



Neste ponto cabe sublinhar o alcance filosófico das análises em exame. Trata-se de estabelecer a eficácia diferenciada em nível das superestruturas dos sonhos passados como *atividade onírica in-dormida* e, por esta via, preparar o estudo da função utópica.

Com efeito, no realismo estético a *função utópica* é enfocada como qualidade que em estado de princípio cada ser humano pode encontrar nos Nós que apreende em sua sociabilidade e que por este mesmo estado de princípio, isto é, por *aspiração*, a arte pode pôr no horizonte que lhe é essencial.

Em sua obra de 1954 intitulada “**Le Príncipe Espérance**” [8], a *função utópica* é estabelecida em conhecimento filosófico como pulsão imprescindível à auto-conservação, sendo a partir dessa compreensão que Ernst Bloch a classificará na extensão do *desejo de ser melhor aquinhoado*.

Por sua natureza gestadora, o *desejo de ser melhor aquinhoado* jamais se completa, é permanente em sua não-complementação, restando em fato e necessariamente *irrealizado* no estado de atenção, base fenomenológica de toda a comunicação existencial.

Haverá, pois que distinguir em paralelo às imagens simbólicas ideais em que a sociologia estuda a moralidade ideológica, aquelas outras que, ultrapassando-as, devem ser compreendidas, sobretudo como *imagens-aspiração* (o herói cavaleiresco, as formas góticas dos mobiliários, solares e mansões rústicas, por exemplo). Nestas se incluem as imagens formadas de sonhos passados, as imagens diferenciadamente formadas pelo elemento onírico da arte que integram o ideal estético realista ou *entelequial*, sendo exatamente os sonhos passados que segregam o critério para a *não-contemporaneidade*.

O problema crítico da cultura tradicional é saber a que se deve o enraizamento obstinado da paysannerie germânica como espécie social com lastro na ambiência cultural do gótico tardio legado dos séculos XV e XVI.

Todavia, não se pensa que os conhecimentos sociológicos restam desatendidos na abordagem pelas imagens-aspiração do gótico tardio. A análise da *paysannerie* germânica tem conta daqueles bem conhecidos aspectos sociológicos relevantes da sobrevivência do modo de produção pré-capitalista, tais como: ser a *paysannerie* uma classe possuidora dos próprios meios de produção; utilizar ela as máquinas agrícolas fazendo-o, porém no quadro antigo extensivo à herdade, ao solar e à terra de sementeira ao seu redor; o desconhecimento em tal ambiência tradicional da figura do fabricante capaz de introduzir o ofício de tecer mecânico e as atividades manufatureiras correspondentes; neutralização das oposições econômicas entre explorados e exploradores devido ao desempenho do papel de patriarca ativo pelo *paysan* rico apesar das diferentes relações de propriedade, etc.

Se estes aspectos têm validade para acentuar ou reforçar a tendência refratária à modernização não definem por si sós o *conteúdo não-contemporâneo autêntico* da *paysannerie*



germânica nem explicam completamente o sentimento dos *paysans alemães* de representarem um estamento em permanência, relativamente unido.

O problema crítico da cultura tradicional é saber a que se deve o enraizamento obstinado da *paysannerie germânica* como *espécie social* com lastro na ambiência cultural do gótico tardio legado dos séculos XV e XVI.

Quer dizer, o enraizamento obstinado da *paysannerie germânica* deve ser compreendido como afirmando-se no exterior da propriedade dos meios de produção pré-capitalistas e como originado da própria matéria que os *paysans* trabalham, a matéria que os entretém e os alimenta em modo imediato. Deve ser compreendido como parte do seu próprio corpo, a saber: *os paysans das regiões mais vinculadas ao medievo são colados no solo antigo e no ciclo das estações.*

Tal o conteúdo autenticamente *não-contemporâneo* da tendência refratária à modernização na *paysannerie germânica* que servirá inclusive como referência para explicar a persistência da forma gótica.

Além de uma mentalidade cheia de uma velha desconfiança afirmada no idiotismo, no embotamento, na tradição do costumeiro e da fé, o senso de ser ligado no solo, na herdade e no solar rústico, e o individualismo do *paysan germânico*, mostram a *persistência da forma gótica* nas mansões, nos móveis, e nos costumes campestres como realidade da cultura[9].

Segunda Parte

A Psicologia fenomenológica do tradicional na cultura.

Se o tradicional configura um campo estético diferenciado no âmbito das superestruturas, deve ser examinado no processo histórico em sua oposição ao tempo presente do capitalismo dos Anos Vinte, isto é, na tendência refratária à modernização acelerada. Desta forma, a análise de Ernst Bloch, em realismo estético, vai mais longe do que o exame de correlações entre a tendência refratária à modernização e as formas pré-capitalistas sobreviventes.

Buscando as manifestações dos sonhos passados como elementos *oníricos in-dormidos* e artísticos do tradicional na cultura, põe-se em relevo a eficácia estético-sociológica das imagens da *interioridade apaziguante* que têm por focos o solar, o solo, os *de-baixo*[10].



Numa abordagem de estratificação social, descobre-se a **psicologia coletiva** (fenomenológica) dos de-baixo como relacionada à figura do pequeno homem e abrangendo neste tipo os seguintes elementos: (a) a camada, ou melhor, a capa dos empregados definida por distância social em relação aos peões de fábrica; (b) a pequena burguesia antiga, empobrecida em consequência do progresso das corporações e por isso decepcionada.

Por esta via, se distinguem inicialmente duas situações:

► Primeiro ponto: as imagens aparentemente relevantes dos determinismos sociais das formas pré-capitalistas.

Observadas por distinção das imagens da interioridade apaziguante, as imagens que parecem relevar das formas pré-capitalistas atendem em realidade ao *tipo do pequeno homem* que perdeu posição e aspira a recuperar o dinheiro perdido, que nelas se encontra de soslaio, furtivamente, mas, em fato, está integrado no tempo presente do capitalismo.

Se este *pequeno homem oblíquo* pode vir a integrar as fileiras do fanatismo, do anormal, não será em modo definitivo posto que bastará sua situação econômica melhorar para que ele deixe de ser brutal.

Observado sobre um fundo de desvario e entontecimento, destaca-se que a modernização intensa trouxe ao *pequeno homem* a embriaguez da distração na mesma proporção em que acentuou a confusão de medo e piedade^[11].

Na psicologia coletiva das figuras da ambiência tradicional em focos nos Anos Vinte, o *pequeno homem oblíquo* não deseja outra coisa que tornar a ser doméstico e recuperar sua sujeição a um senhor feudal, buscando a obediência com apego à ordem e hierarquia.

► Entretanto - este é o segundo ponto - toda a outra coisa são as imagens da interioridade apaziguante no sentido de harmonização, afirmadas pelo *tipo do pequeno homem* no curso de sua experiência da modernização como entontecedora, mas que, no contexto dos Anos Vinte, têm procedência recente se comparadas às imagens feudais de busca da obediência.

Constata-se que as imagens da interioridade apaziguante, embora revelem um apelo que não atraí vantagens ou recompensas, como as da obediência atraem, são todavia representadas como imagens que já aparecem desgastadas, desbotadas, desanimadoras.

Dessa maneira cabe classificar no primeiro ponto as imagens em que o pequeno homem vê a si mesmo em seu atraso cultural e social como integrante do capitalismo.

No segundo ponto, cabe classificar as imagens diferenciadas em que o *pequeno homem simplesmente não se vê*, não vê onde ele está, embora ele esteja totalmente no tempo presente do capitalismo, só que ele aí está em maneira amesquinhada e anestesiada.



Ernst Bloch empenha-se em busca do campo estético como o concretamente utópico e constata que as formas pré-capitalistas jamais realizaram os conteúdos visados do solar, do solo, dos "de-baixo", de sorte que estes focos do tradicional na cultura já guardam desde o começo a qualidade de intenções insatisfeitas.

Mas não é tudo e o esquema da análise não é assim tão simples. Ernst Bloch empenha-se em busca do campo estético como o concretamente utópico. As formas passadas ou pré-capitalistas jamais tornaram realizados em fatos os conteúdos visados do solar, do solo, dos *de-baixo*, de sorte que estes focos do tradicional na cultura já guardam desde o começo a *qualidade de intenções insatisfeitas*.

Além disso, notando que estas *intenções insatisfeitas* passam ao longo da história por contradições veladas, Ernst Bloch as examinará desde a colocação em perspectiva filosófica, para além da psicologia representacional, tratando-as como conteúdos intencionais não ainda trazidos à luz do passado na realidade da cultura, o que o levará a definir o campo estético em eficácia como o *concretamente utópico*.

A partir dessa orientação dialética em profundidade torna-se possível, portanto penetrar na psicologia fenomenológica do tradicional.

► A análise descobrirá então o seguinte: (a) que foram extintos os deveres, os ramos da cultura e estado mental da antiga pequena burguesia; (b) que, oculto sob essa extinção, o *pequeno homem* se ressentia da falta de alguma coisa habitual, psíquica, móbil, e (c) – que este algo habitual em falta não é uma coisa somente econômica, mas é *uma carência profunda que no seu ser ele opõe ao tempo do capitalismo*.

Entretanto, a análise passa a um grau maior de complexidade ante a constatação de uma coincidência na afirmação deste opor ou contrapor no ser do pequeno homem ao tempo mesmo do capitalismo.

► Ou seja, o opor dessa *ausência ressentida* é afirmada desde o âmbito interior do sujeito em feição apática e morna, enquanto no âmbito da vida exterior é afirmada junto com os vestígios estranhos inseridos no tempo presente do capitalismo, é afirmada coincidentemente com os vestígios dos tempos antigos pré-capitalistas que restaram.

Daí, dessa coincidência complexa, decorrem certas características da psicologia fenomenológica do tradicional, como *psicologia em ausência de móbil*, que em realidade configuram as características do campo estético.

O problema da análise blocheana é a coincidência no momento exterior: o opor não-contemporâneo do pequeno homem que coincide com as manifestações residuais da sociedade antiga sem implicar isto em correlações funcionais com as formas pré-capitalistas.



Com efeito, o problema da análise blocheana é a coincidência no momento exterior: o opor não-contemporâneo do pequeno homem que coincide com as manifestações residuais da sociedade antiga, sem implicar isto em correlação funcional com as formas pré-capitalistas.

Desta forma, posto não haver correlação funcional, Ernst Bloch assinalará não só a ausência de equilíbrio da carência profunda contraposta neste opor, por isso designado não-contemporâneo, mas classificará igualmente desequilibrada a contradição mesma em opor aquela carência profunda.

Isto será feito por duas razões, seguintes: (a) porque essa notada contradição encontra-se em desalinhamento com as formas pré-capitalistas residuais; (b) – porque essa notada contradição constitui o fator de ativação dessa outra contradição interligada que é a modernização em contradição com a consciência da sociedade antiga, funcionalmente correlacionada esta sim àquelas formas précapitalistas.

Caso este que, por exemplo, é observado na consciência do campesinato (*paysannerie*) lá onde equivocadamente o campesinato se percebe a si próprio como um estamento, à feição dos grupos tradicionais que caracterizaram as ordens feudais de *chevalerie*.

Mas não é só a explicitação dessa consciência extemporânea que a constatação da coincidência complexa nos apresenta. A carência profunda contraposta e a contradição no opor não-contemporâneo do pequeno homem comportam variação conforme a colocação em perspectiva do shock histórico no quadro social mais amplo no qual ele está inserido.

Acrescente-se que o caráter desalinhado da não-contemporaneidade dessa psicologia fenomenológica provindo de antigas intenções insatisfeitas deixa transparecer o que Ernst Bloch classifica como sentimento de cólera recalçada: um rancor excluído do campo consciente, mas permanecendo intacto em sua força na vida psíquica dos indivíduos.

Na medida mesmo desse transparecer são notados os dois eixos de variação da não-contemporaneidade dessa psicologia de ausência de móbil, a saber:

(a) – em época apaziguante essa cólera recalçada mantém-se próxima da feição apática e morna com que a ausência ressentida do algo habitual em falta afirma-se subjetivamente podendo, todavia aparecer ou como atitude exasperada ou como atitude meditativa, mas em todo o caso uma atitude daquele que se recolhia na intimidade de uma vida social que ele não mais acompanhava;

(b) – entretanto esta configuração se altera sob a época desordenada da modernização/industrialização acelerada dos Anos Vinte na Alemanha como região mais enraizada no medievo e o recalque poderá então irromper como a rebelião da cólera



retida, notada exatamente a partir da ativação não só da consciência coletiva de uma outra época, antiga, mas da ativação do próprio ser coletivo que lhe é subjacente.

Segundo Ernst Bloch – e este será o coroamento do momento inicial da análise blocheana em busca do campo estético como o concretamente utópico que expusemos nos parágrafos anteriores – tal potência daquela psicologia coletiva em ausência de móbil deve ser interpretada a partir dos rastros e das lacunas de certa expressão romântica (que nosso autor descreverá em certas formas literárias, como veremos).

Ou, no dizer do próprio Ernst Bloch, deve ser interpretada tomando por base a constatação de que a pequena burguesia tradicional embeleza no presente do capitalismo o passado cultural, ela opõe a tal presente suas antigas aspirações não realizadas misturadas ao melhor relativo do passado.

Entretanto, este embelezar estético do passado tem um componente trágico que todavia é concretamente utópico. Componente este que não é limitado ao fato de que o melhor relativo embelezado são os aspectos das formas précapitalistas cujos vestígios estão ultrapassados no presente do capitalismo em modernização.

Por esta via, o componente trágico no embelezar do passado que é também um componente concretamente utópico põe em relevo o modo do opor do pequeno homem como sendo um modo não-contemporâneo porque se trata de um opor afirmado em face de um tempo presente no qual até mesmo a última satisfação também desapareceu[12]. Tal o concretamente utópico que define o campo estético em eficácia diferenciado no âmbito das superestruturas ao século XX para as regiões mais enraizadas no medievo.

Etiquetas:

Comunicação, crítica, história, ideologia, relações humanas, sociologia, século vinte, movimentos camponeses, modernização, sociedade antiga, aspiração, formas pré-capitalistas e não-contemporaneidade, capitalismo, análise fenomenológica, classes subalternas, ambiência tradicional, realismo estético.



Contribuição para a Crítica da Cultura

©2008 by Jacob (J.) Lumier

Fim do Capítulo/Postagem:

HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA COLETIVA NA MODERNIZAÇÃO ACELERADA DOS ANOS VINTE:

Pré-capitalismo e Crítica da Cultura Tradicional do ponto de vista das regiões mais vinculadas ao medievo.

[1] A superestrutura correspondente ao antigo Sacro Império Romano Germânico.

[2] Cf. Bloch, Ernst: **Thomas Münzer, Teólogo de la Revolución**, op. cit, pág. 200.

[3] O homem do campo estudado por Ernst Bloch, dado seu distanciamento do moderno, está em um tempo bem diferente da paysannerie francesa, mas tem em semelhança o conteúdo econômico objetivo dos conflitos verificados no século XVI nas terras germânicas.

[4] Bloch, Ernst: **Héritage de ce Temps (Erbschaft dieser Zeit**, Zürich, 1935), tradução de Jean Lacoste, Paris, Payot, 1978, 390 pp. Cf. págs. 96, 97 sq.

[5] Na Alemanha dos Anos Vinte, as combinações a-normais na burguesia declinante exprimem o vazio do mundo preenchido pelas coincidências de uma história dos fenômenos, na qual, descrevendo um tempo em ausência de intenção, Ernst Bloch descobre uma fenomenologia que, por não ser a boa, servirá de alavanca para a boa, prestando também certa maneira de assegurar a antiga cultura (gótico tardio).

[6] Ademais dos elementos do desencadeamento e do conteúdo do conflito que são de ordem econômica, o tradicional dentro do processo histórico é examinado como marcha do gótico tardio na referência das insurgências campesinas e do milenarismo que as anima no século XVI na Alemanha, como crença real. Neste marco, as afeições, as emoções sérias e puras, os entusiasmos projetados para um fim e os sonhos, que configuram o milenarismo como crença real, são designados em conjunto por Ernst Bloch como o onírico in-dormido, e constituem um nível fenomenológico diferenciado que se descobre como legado do passado na profundidade do sentimento em foco na realidade estética da cultura em modernização acelerada dos anos vinte.

[7] No enlace da burguesia e da cultura o relativismo anuncia a fissura na superfície fechada da realidade favorecendo a montagem no sentido das combinações ab-normais da grande burguesia com os movimentos culturais alheios à modernização na industrialização.

[8] Bloch, Ernst: **Das Prinzip Hoffnung**, 3 vol., Berlin 1954/1955/1959. Versão francesa: **"Le Principe espérance"**, vol. 1, Paris, Gallimard, Bibliothèque de philosophie, 1976.



[9] Cf. Bloch, Ernst: **Héritage de ce Temps**, op. cit, pp. 98, 99.

[10] Cf. Bloch, Ernst: **Héritage de ce Temps**, op. cit, pp.103, 107 sq, 111.

[11] Sobre a confusão de medo e piedade, ver neste Website o citado artigo **A arte da Montage e a Modernização na Filosofia Literária de Ernst Bloch: comentários sobre Joyce e o surrealismo**.

[12] Cf. Bloch, Ernst: **Héritage de ce Temps**, op. cit, pp. 108.



MILENARISMO E INSURGÊNCIA:

Fragmentos para a Leitura de Ernst Bloch.

Por

Jacob (J.) Lumier

Esta obra está bajo una licencia Reconocimiento-No comercial-Sin obras derivadas 3.0 Unported de Creative Commons. Para ver una copia de esta licencia, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/> o envíe una carta a Creative Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, California 94105, USA.

Rio de Janeiro, 04 de Dezembro de 2008

Etiquetas: dialética, utopias sociais, milenarismo, insurgências camponesas, mundo moderno, ambiência tradicional, heresias cristãs, Alemanha, superestrutura, modernização.



"Abstract"

Como se sabe, devido ao seu caráter não-representacional, a reflexão histórico-filosófica é vista como sendo distanciada em relação às questões prementes, embora seja situada na realidade social.

A leitura de Ernst Bloch é interessante por que nos mostra a dimensão humana universal que está por trás dos movimentos camponeses na história do mundo moderno.

Esse autor examina como milenarismo o fenômeno coletivo da ambiência tradicional que muitos autores de sociologia estudiosos do espírito do capitalismo limitaram-se a abordar pelo aspecto mais exterior e particular no messianismo (para Max Weber trata-se de um aspecto das exaltações carismáticas).

Sua análise concreta põe em relevo que o legado do passado dentro do processus histórico como matéria das contradições contemporâneas não pode ser adequadamente contemplado caso o enfoque seja limitado ao capitalismo como ao presente em seu estágio último.

A matéria das contradições contemporâneas não é somente a matéria das forças produtivas muito presentes ou desencadeadas com a modernização, mas é também a negatividade extrema de tal situação: é o homem ou o proletário alienado, é o trabalho alienado, é o fetiche da mercadoria, em suma é a inconsistência do nada, do vazio.

Diz-nos que esse elemento positivo se encontra no interior da contradição contemporânea e de sua matéria, no interior das negatividades reificadas e se apresenta sob a forma de alguma coisa que falta, em fato, como a aspiração ao homem completo, ao trabalho não alienado, ao paraíso terrestre.

Há, pois, que distinguir na análise do tradicional, como positividade, outra matéria diferenciada: a matéria de uma contradição que se rebela a partir de forças produtivas absolutamente não-desencadeadas: que se rebela a partir de conteúdos intencionais de uma espécie que permanece sempre não-contemporânea.

Daí sua insistência na importância da idéia milenarista, examinada como heresia cristã para a compreensão de uma grande revolução social como a do século XVI no ambiente tradicional agrário mais ancorado no medievo (o Gótico Tardio).

Seja como for, a qualidade que diferencia a reflexão crítico-histórica de Ernst Bloch são os seus procedimentos para colocar em perspectiva no estudo do Gótico Tardio e das insurgências camponesas *o legado da profundidade do sentimento*.



Preâmbulo:

A Fenomenologia Concreta de Ernst Bloch

Embora seja estudado em ligação com as conhecidas correntes intelectuais do Século Vinte influenciadas por dogmas materialistas, Ernst Bloch é um dos pioneiros da relativização da dialética na crítica-histórica e desenvolve em sua obra a compreensão da **totalidade múltipla**, ou seja: *a totalidade com vários níveis de realidade histórica ou de passado.*

► No artigo "*História e Consciência Coletiva na Modernização Acelerada dos Anos Vinte: Pré-capitalismo e Crítica da Cultura Tradicional do ponto de vista das regiões mais vinculadas ao medievo*", publicado na [Page anterior](#), a descoberta de uma problemática fenomenológica na crítica do processus histórico do mundo moderno é assinalada como orientação de Ernst Bloch em suas análises da crise dos anos vinte na Alemanha (o psiquismo coletivo dos "de baixo" como relacionada à figura do pequeno homem).

Dentre os vários aspectos que corroboram uma fenomenologia, assinala-se que a burguesia declinante exprime o vazio de um mundo seu preenchido pelas coincidências de uma história dos fenômenos.

Quer dizer, tomando em consideração o conjunto dessas coincidências Ernst Bloch observará tratar-se de um **tempo em ausência de intenção**, tendo relevo a relativização das coerências, não como um fim, mas no sentido de uma fenomenologia em caminho, em vias de se fazer como **reencontro estranho da antiga cultura (gótico tardio) e do individualismo.**



Isto porque, em um **tempo em ausência de intenção**, a *atividade onírica in-dormida* pode ser verificada e descrita em maneira objetiva, revelando-se mais acessível à crítica-histórica do tradicional na modernização, de tal sorte que a análise caminha para a fenomenologia concreta.

Os sonhos passados compreendidos no sentido de *atividade onírica in-dormida* se associam na juventude à inquietação orgânica, em maneira propícia aos movimentos de exaltação personalista, como eram aqueles movimentos alheios à modernização compostos pela *montage* na burguesia.

Em sua obra “**Le Príncipe Espérance**”, a *função utópica* é estabelecida no conhecimento filosófico como pulsão imprescindível à auto-conservação, sendo a partir dessa compreensão que Ernst Bloch a classificará na extensão do *desejo de ser melhor aquinhoado*.

Por sua vez, em virtude de sua natureza gestante, o *desejo de ser melhor aquinhoado* jamais se completa, é permanente em sua não-complementação, restando em fato e necessariamente irrealizado no estado de atenção, base fenomenológica de toda a comunicação existencial.

Desta forma, haverá que distinguir em paralelo às imagens simbólicas ideais em que a sociologia estuda a moralidade ideológica, aquelas outras que, ultrapassando-as, devem ser compreendidas como *imagens-aspiração*: o herói cavaleiresco, as formas góticas dos mobiliários, solares e mansões rústicas, por exemplo.

Nestas se incluem as imagens formadas de sonhos passados, as imagens diferenciadamente formadas pelo elemento onírico da arte que integram o ideal estético realista ou *entelequial*, sendo exatamente os sonhos passados que segregam o critério para a *não-contemporaneidade*.

Acresce que as formas passadas ou pré-capitalistas jamais tornaram em fatos realizados os conteúdos visados do *solar*, do *solo*, dos “**de baixo**”, de sorte que esses focos do tradicional na cultura já guardam desde o começo a qualidade de intenções insatisfeitas.

Além disso, notando que estas intenções insatisfeitas passam ao longo da história por contradições veladas, Ernst Bloch as examinará desde a colocação em perspectiva filosófica, para além da psicologia representacional, tratando-as como *conteúdos intencionais não ainda trazidos à luz do passado na realidade da cultura*, o que o levará a definir o campo estético em eficácia como o *concretamente utópico* [1].



*A **montage** na burguesia declinante exprime o vazio do mundo dela preenchido pelas coincidências de uma história dos fenômenos, uma fenomenologia que certamente não é a boa, mas que no caso limite pode servir de alavanca para a boa prestando também uma maneira de assegurar a antiga cultura ⁱⁱⁱ. Portanto, a ausência de intenção deve ser entendida no sentido dessa fenomenologia em caminho, em vias de se fazer como reencontro estranho da antiga cultura e do individualismo.*

► Na fenomenologia de Ernst Bloch, que é histórico-filosófica, a redução dos juízos prévios ou da função representacional da consciência leva não a uma intencionalidade lógico-existencial, como a “intencionalidade funcional” de Husserl: a primeira e primordial afirmação de significado.

A fenomenologia concreta leva sim a um elemento postulativo, originário, na raiz de todo o conteúdo de civilização, que, entretanto, se descobre não como experiência originária do pensamento "puro", mas em estado de realidade aberta (realidade estética), a partir de seu núcleo ativo: o "*dator formarum*" como **atitude ascética**, que a história da filosofia está em medida de comprovar justamente porque é a experiência humana originária do pensamento histórico "puro", bem reconhecido na *estrutura gradual* ⁱⁱⁱⁱ.

Desta forma, não nos parece haver dúvida quanto à vinculação fenomenológica do "materialismo" entre aspas de Ernst Bloch.

Embora tenha raízes em Marx, sua filosofia ultrapassa o marxismo: é impossível encontrar em sua obra o menor rastro de uma antropologia à maneira de Engels. Isto significa que o paralelo é feito com a sociologia.

► Com efeito, na sociologia, o materialismo e o espiritualismo não passam de abstrações do esforço humano.

Deve-se notar a distinção de Marx entre consciência real ou imanente à vida social e consciência mistificada ou ideológica – domínio dos preconceitos filosóficos inconscientes.

À semelhança das obras de civilização, a consciência faz parte das forças produtivas em sentido lato e desempenha um papel constitutivo, seja como linguagem, seja pela intervenção do conhecimento, seja ainda como direito espontâneo, nos próprios quadros sociais.

Como se sabe, esses quadros sociais são chamados por Marx de “modos de ação comum” ou modos de colaboração ou relações sociais, nos quais se incluem as manifestações da sociabilidade, os agrupamentos particulares, as classes sociais e as sociedades.

O significativo aqui, do ponto de vista do alcance determinístico da sociologia, é que esses quadros sociais exercem um domínio, um envolvimento, sobre a produção material



e espiritual que se manifesta no seu seio, domínio esse, por sua vez, que é exatamente o que se prova nas correlações funcionais.

Quanto às ideologias, ficam excluídas das forças coletivas ou produtivas por representarem uma “mistificação”, ou seja, oferecem um aspecto da alienação: a alienação do conhecimento desrealizado e perdido nas projeções para fora, que inclui as “falsas representações” em que os homens e as suas condições surgem invertidos, como numa câmara escura, que é um aspecto da teoria do fetichismo da mercadoria em Marx.

Na dialética dos níveis de realidade social, os quadros sociais e a consciência real são produtos das forças produtivas strictu-sensus – isto é podem ficar objetivados – mas, sob outro aspecto, são igualmente os seus produtores e assim se afirmam como elementos reais da vida social. Essa dialética dos níveis em Marx é tanto mais saliente quanto mais observadas forem as forças produtivas ou forças coletivas, não como fatores isolados, mas como a causa social total.

Quer dizer, o conceito de forças produtivas fica então compreendido no sentido de extensão máxima identificando-se ao conjunto dos níveis ou dos graus da realidade social.

Portanto, não há negar que a compreensão da realidade social e da sociologia que a estuda é bem definida em Marx, e reúne várias formulações enfatizando a ultrapassagem do dualismo (espiritualismo/materialismo) como levando ao coeficiente existencial e ao coeficiente humano do conhecimento.

Assim, em Marx, é no domínio da realidade social que “pensar e ser são simultaneamente diferentes e um só” (“Manuscritos de 1844”, trad. Molitor, vol. VI, p.28); que a velha oposição entre espiritualismo e materialismo foi por todo o lado posta de parte” (“La Sainte Famille”, Molitor, Vol.II,p.167); que “o subjetivismo e o objetivismo, o espiritualismo e o materialismo, a atividade e a passividade perdem a sua oposição e, por consequência, a sua existência”(Manuscritos, ib.p.33).

Em suma, para Marx, a ultrapassagem do dualismo das ciências naturais e das ciências humanas não deve ser procurada na absorção das ciências humanas pelas ciências naturais, mas na “constatação de que qualquer ciência é uma atividade social prática e, portanto, comporta um coeficiente humano” – notando que é este o posicionamento e a formulação de Marx nas “Teses sobre Feuerbach” [35:p.286].

► Quanto à superação da oposição entre materialismo e espiritualismo na fenomenologia existencial passa a mesma pela crítica ao tomismo.



Com efeito, ao sustentar uma “verdade em si” como distinta da verdade como “posse humana”, o tomismo é tido por um “realismo representacional”. Quer dizer, o tomismo “não considerava a objetividade como termo encontrado pelo sujeito cognoscente, mas como “em si”, como realidade isolada do sujeito, supondo desta sorte, que, no conhecimento verdadeiro, este “em si” se repercutia exatamente no sujeito”. [55: p.108 sq, p.111 sq, p.130-134].

A crítica ao tomismo se opõe à pintura da realidade como se esta fosse uma coleção de essências acumuladas em uma terra que nem sequer necessitava ser descoberta para ter significado; portanto, a crítica contesta a fixação do “universo da realidade” (omnitude realitatis) como paisagem ordenada e hierarquizada na qual até “as essências das ações do homem se imbricam”, dizendo-se de tais atos, em suas essências, que “eram o que são, necessária, universal, imutável e eternamente verdadeiros em si mesmos” - posicionamento este que identificava o realismo representacional como um ponto de vista divino sobre as coisas e de difícil aceitação pelo homem contemporâneo.

Por contra, os defensores da fenomenologia existencial sustentam que “qualquer descrição real da realidade objetiva pressupõe o “descobrimento” desta realidade mediante a “luz” da subjetividade”. Em teoria, esse “descobrimento” é um acontecimento que se pode situar no tempo e que tem um futuro. É a historicidade do sujeito.

A verdade como posse humana comporta riscos, já que o sujeito, se ele “comparte da verdade como desocultamento”, ele não se limita a ser sujeito existente passivo (“ego cogito”), mas pode adjudicar às coisas toda a classe de significações, pois “pensa que as vê”.

Assim entramos na “doutrina do homem como existência” e notamos que quem está no primeiro plano da ordem do conhecimento é o sujeito sumido no mundo vivido como complexo de significações, e esta elevação é descoberta através de uma Gestalt ou configuração em atitude – a que a fenomenologia existencial refere “a experiência original do mundo da vida”, fundamento da experiência científica à medida que esta é um “retornar e esse mundo anterior ao conhecimento”.

O complexo de significações dentro do qual está imbricado o sujeito não é um ato apenas mental, mas é “o próprio ser do homem como existência”, ao qual Husserl chamará “intencionalidade funcional” ou “vida que experimenta o mundo”, a primeira e primordial afirmação de significado.

Nessa afirmação em que o sujeito é o “reconhecimento da autonomia do significado”, o fenomenólogo se distancia tanto do materialismo como do espiritualismo.

Quer dizer, “a fenomenologia existencial define o homem como sujeito, porém sujeito que se encontra imerso em coisas materiais”, de tal sorte que “as coisas mundanas co-determinam o que é o homem”. Em conseqüência, não se pode deixar o mundo à margem do pensamento sem que se elimine o próprio homem e, reciprocamente, estando as coisas materiais sinalizando para o sujeito, ao deixar-se esse sujeito à margem do



pensamento, se eliminam também do pensamento tanto a todos os significados como ao próprio homem.

► Sem dúvida, os primeiros críticos do existencialismo como Herbert Marcuse [57: p.37 sq] aceitaram que o sentido do existencialismo filosófico era recuperar em face do sujeito lógico e abstrato do idealismo racional a concretude plena do sujeito histórico, quer dizer suprimir o domínio incoimovível do “ego cogito” que se estende desde Descartes até Husserl.

“A posição de Martin Heidegger até sua obra “Ser e Tempo” dá testemunho da linha mais avançada da filosofia nesta direção”.

A análise crítica de Herbert Marcuse se além ao que ele qualifica de “reação” a este sentido de concretude histórica: posteriormente “a filosofia evitou, por boas razões, examinar de mais perto a faticidade material da situação histórica do sujeito ao qual se refere”.

Aqui se detém a concretude, aqui a filosofia se limita a falar da “vinculação de destino”, do povo, da herança que cada um tem que aceitar, da comunidade da geração, enquanto as outras dimensões da faticidade são deslocadas para o plano da existência inautêntica.

A filosofia não se perguntou pelo tipo de herança, pela forma de ser do povo, pelas forças e poderes reais que constituem a história. E Marcuse sentencia: dessa maneira, a filosofia renunciou a toda possibilidade de poder conceber a faticidade das situações históricas e de valorá-las reciprocamente – renúncia essa que é patente na orientação dos fenomenólogos para separar a obra e o contexto, como em Paul Ricoeur [72: p.53 sq].

Em contrapartida, a concretude do sujeito histórico para além da oposição entre espiritualismo e materialismo, creditada ao ativo da fenomenologia existencial, tem sua vertente sociológica nas concepções do jovem Marx expostas nos “Manuscritos de 44” (Cf.ed.Molitor, op.cit.) em que a religião, a família, o Estado, o direito, a moral, a ciência, o espírito não passam de modos particulares da produção e estão penderes da ação global da mesma.

Quer dizer, na realidade social, trata-se de um “humanismo positivamente procedente de si próprio, um humanismo positivo” em que a ultrapassagem do dualismo das ciências naturais e das ciências humanas, como vimos, leva à constatação de que qualquer ciência é uma atividade prática, e, portanto comporta um coeficiente humano cabendo à sociologia a missão de encarnar essa ligação (cf. “Teses...”, op. cit.).



É a idéia do homem total e da sociedade total: a idéia de que, duas direções da mesma totalidade, o homem encontra a sociedade na sua ação pessoal e na sua própria consciência individual, assim como a sociedade encontra a realidade humana individual em cada um de seus atos. Tal a concretude plena do sujeito histórico como totalidade, que entra em foco como atitude ascética na fenomenologia de Ernst Bloch.

Fragmentos de Leitura

A montage na burguesia declinante exprime o vazio do mundo preenchido pelas coincidências de uma história dos fenômenos, uma fenomenologia que certamente não é a boa, mas que no caso limite pode servir de alavanca para a boa prestando também certa maneira de assegurar a antiga cultura (gótico tardio).

O Princípio Omnia Ubique

► A reflexão estético-sociológica tem vertente poética no sentido filosófico do termo já contemplado por Aristóteles em vista de refletir a criação em arte e pode ser apreciada em íntima ligação com a literatura e arte de avant-garde, porém sob um modo que decorre da concepção mesma que Ernst Bloch nos comunica como orientando a composição de sua obra intelectual. Nesta se pode observar que a arte da **montage** está aplicada com a percepção de que a reflexão se elabora por partes intercambiáveis, partes estas que não atendem a ordem prévia alguma e o fio da meada que as une decorre somente da maneira como estão elas compostas em seqüências sucedendo um desiderato inicial.

A característica **ab-norma** encontrada, por exemplo, no Ulysses de Joyce é a mesma constatada **mutatis mutandis** no texto da reflexão de Ernst Bloch, notadamente em



Héritage de ce Temps^[v]. Não que essa característica releve de um estilo personalista ou extravagância para com a reflexão filosófica no contexto da modernização. Pelo contrário. Tomando em conjunto por um lado o plano das idéias, procedimentos, métodos e por outro lado o plano das práticas, modos, atitudes, toda a reflexão e a filosofia desenvolvida na obra deste pensador do Século XX são fundadas na percepção de um tempo de transição, um tempo que está *às vésperas de se orientar em uma nova direção*, portanto, em **ausência de intenção**. Para traçar um paralelo com outro pensador contemporâneo, notamos que em Theodor W. Adorno^[vi] o elo com a literatura e a arte de **avant-garde** é exercido como Crítica da Cultura, por sua vez encontramos em Ernst Bloch para começar várias análises do vazio cultural correspondendo aos níveis em profundidade da realidade estética da cultura na estrutura de classes.

Inserido no contexto artístico dos Anos Vinte confrontado à intensa modernização e ao acelerado crescimento industrial, este autor aí interpela na decadência da cultura liberal e do individualismo a outra face da modernização, onde a standardização e o mundo administrado da comunicação social apenas se colocavam em perspectiva no horizonte da reflexão estético-sociológica. Todavia, não se pensa que a ausência de intenção tenha equivalência com alguma visão arbitrária da atividade artística como **montage**. Longe disso. Se a obra intelectual e artística é desprovida de ordem prévia e suas partes são intercambiáveis, com o interessado nela ou seu apreciador desempenhando ele próprio o papel novador ao combinar desde seu ponto de vista as partes intercambiáveis no horizonte da obra, isto não significará, em absoluto, a completa irracionalidade do contexto, destruição total das coerências ou significações culturais.

O exemplo provém do enlace da burguesia e da cultura. O relativismo anuncia a fissura na superfície fechada da realidade da cultura favorecendo a **montage** no sentido das combinações abnormais da grande burguesia com os movimentos culturais alheios à modernização na industrialização.

Quer dizer, o relativismo assim adotado e praticado conhece bem, exatamente por ser praticado, a figura estranha, destoante da normalidade e experimental dessas ruínas na superfície fissurada da realidade da cultura. Segundo Ernst Bloch será com esse relativismo das ruínas que, todavia, a burguesia declinante, liberal, transmitirá ainda uma cultura ou fará transmiti-la: uma cultura que visa o homem sob um feitiço muito estranho, que atualiza certa maneira de proceder marcada com todo o caráter negativo do vazio, mas tendo também, **em modo mediato**, certo caráter talvez positivo de transportar as ruínas em um outro espaço que se opõe ao contexto habitual.

Por outras palavras, a **montage** na burguesia declinante exprime o vazio do mundo dela preenchido pelas coincidências de uma história dos fenômenos, uma fenomenologia, que certamente não é a boa, mas que no caso limite pode servir de alavanca para a boa prestando também uma maneira de assegurar a antiga cultura^[vii]. Portanto, a ausência de intenção deve ser entendida no sentido dessa fenomenologia em caminho, em vias de se fazer como reencontro estranho da antiga cultura e do individualismo.



A constatação em Joyce de que o todo está por todas as partes permite desvelar a racionalidade no relativismo experimental da *montage* em literatura e arte de *avant-garde*

Desta sorte, o princípio de circularidade da reflexão filosófica de Hegel (*omnia ubique*) parece preservado na intercambiabilidade das partes aos olhos dessa mirada fenomenológico-concreta que, no vazio, rastreia traços microscópicos de cultura, mesmo sendo tal intercambiabilidade desprovida do movimento em espiral do sistema idealista dedutivo. Sem dúvida essa mirada é reforçada graças à constatação do *omnia ubique* sem o dedutivismo em Joyce, onde, observando inclusive a sua micrologia, *o todo está por todas as partes*, constatação esta que permite desvelar a racionalidade no relativismo experimental da *montage* em literatura e arte de *avant-garde*, alcançando a própria obra de reflexão estético-sociológica ^[vii].

Aliás, essa analogia do procedimento artístico com a obra filosófica está posta em relevo a respeito do proceder do próprio Hegel no seguinte trecho de Ernst Bloch fazendo sobressair o efeito de espelho aplicado na montagem do caleidoscópio: “(...) *uma obra como a de Hegel, feita de tantas camadas forma um só livro, concretamente maduro. Digamos mais: no caso de Hegel era menos difícil ficar ligado a sua estrela, isto graças ao princípio que lhe é imanente: Omnia Ubique, o todo está por todas as partes, princípio do qual está pleno cada um dos conjuntos múltiplos que nele constitui a relação dialética sujeito-objeto. Esse princípio vem de Nicolas de Cusa e de Leibniz, mas o efeito de espelho que o mesmo implica fazendo que cada parte não cesse de refletir o todo é, finalmente, o que garante ainda a unidade de Hegel na sua diversidade dialética*”.

Mas não é tudo. Há duas extensões do *Omnia Ubique* nos mostrando o alcance fenomenológico deste princípio. *Primeiro*: que daí provém o mesmo *conhece-te tu mesmo* encontrado em cada um dos degraus ou em cada uma das espirais ascendentes de *A Fenomenologia do Espírito* de Hegel; *segundo*: que daí provém igualmente a exigência para Hegel de que “*em cada um dos conjuntos estruturais dialéticos arbitrariamente postos de parte, se esteja em medida de ver todos os mil outros, à única condição de que a mirada do sujeito considere como é preciso considerar o existente, que não cessa de se dividir, de se apaziguar e de novo se dividir*” ^[viii].

A preservação do *Omnia Ubique* nas ruínas das significações culturais é constatada através de uma fenomenologia em vias de se fazer pela redução das coerências em meras coincidências.

Se o caráter arbitrário do procedimento modelar da fenomenologia é acentuado nesse trecho que acabamos de ver é porque a intercambiabilidade das partes não se apresentava como realidade estético-sociológica da cultura, a realidade aberta, à



época e aos olhos de Hegel, e ainda não se podia falar de uma fenomenologia em caminho, no dizer de Ernst Bloch. Nada obstante, a mirada para o existente está efetivamente suscitada, e se quisermos examinar com profundidade o mencionado paralelismo da reflexão estético-sociológica e da literatura e arte de avant-garde devemos fazê-lo pausadamente.

Vimos que a preservação do *Omnia Ubique* nas ruínas das significações culturais é constatada através dessa fenomenologia em vias de se fazer pela redução das coerências em meras coincidências. A partir dessa constatação, devemos ter em conta (a) - que essas coincidências não são apreendidas diretamente e sim em modo mediato, posto que produzidas pela montagem na burguesia; (b) – que nesse modo mediato se antecipa a perspectiva do mundo standardizado da comunicação social^[ix].

Neste ponto, várias considerações se impõem para explicitar como a mirada para o existente é conseguida no contexto da arte referido por Ernst Bloch, em que a extensão da indústria cultural no mundo fissurado da coisificação não gerou ainda as formas de vida completamente identificadas ao Sempre Igual.

Com efeito, no contexto posterior assimilado nessa identificação ao Sempre Igual, Theodor W. Adorno distinguirá no sujeito da consciência standardizada o homem obnublado como material do personagem neurótico característico da literatura de avant-garde, enquanto Ernst Bloch, por sua vez, terá que exercer a mirada para o existente sob outra configuração e como já dissemos a encontrará no reconhecimento do contraditório.

Quer dizer, no contexto artístico do tempo de transição (**ausência de intenção**) vivido nos Anos Vinte, a linha configurando a equivalência das partes que levará à produção e re-produção do Sempre Igual não está ainda afirmada sobre a contradição, de sorte que a relativização em obra na intercambiabilidade das partes está ainda em franca atividade. Daí aquele desdobramento que já notamos em que o elemento dessa relativização leva ao reconhecimento do contraditório pela grande burguesia como o *abnormal* na intensa modernização, precipitando sua aproximação com os movimentos alheios (a **montage** na burguesia, reduzindo as coerências em coincidências).

Este desdobramento levará Ernst Bloch a diferenciar elementos muito antigos imiscuídos na cultura e não neutralizados ainda naquele contexto conturbado, sendo a tais elementos complexos que chamará **não-contemporaneidade**. Chegará assim esse autor às análises sobre o homem obnublado, em letargia de pensamento, como material artístico, por um viés antecedendo à predominância do Sempre Igual, mas relevando do reconhecimento do contraditório no vazio cultural. Buscará o homem obnublado em meio à expressão do impacto da modernização/industrialização acelerada (surgimento das grandes fábricas, grandes usinas, cidades industriais, etc., em curto espaço de tempo) sobre as massas e os setores sociais ainda não plenamente integrados e mais vulneráveis àqueles elementos muito antigos que herdados através do gótico tardio não se misturam, mas se intrometem^[xi].



A tendência refratária ao espírito moderno, a paysannerie e a juventude.

Com efeito, nessas análises se põe em relevo que a busca do existente, do diverso, do homem obnublado como material artístico se efetua através da constatação de uma tendência refratária ao espírito moderno, o espírito da máquina e da racionalização.

O primeiro passo no estudo dessa tendência refratária atuando no capitalismo tardio da Alemanha dos Anos Vinte se faz a partir da descrição de certas espécies de vida social mais facilmente observadas por sua dificuldade de integração na modernização acelerada. Tal será notadamente o caso do *homem do campo* [xi].

Para este fim Ernst Bloch utilizará com alcance sociológico a noção de *espécie*, aproveitando a procedência biológica deste termo que guarda o elemento muito antigo do ancestral. Como conjunto de indivíduos que se reproduzem, as espécies sociais se afirmam no campo *mikro* da realidade da cultura não por um caráter coletivo, mas sim pela reprodução de um elemento muito antigo, ancestral, o caráter coletivo sendo tirado dos conjuntos mais amplos na superfície, em relação aos quais os primeiros se diferenciam exatamente como espécies.

Ernst Bloch nos diz que uma espécie *recomeça sempre* e que *vem de muito longe*, remarcando no "campesinato" ("*paysannerie*") esta última qualidade, enquanto a primeira é reservada à **juventude**, a qual será estudada, sobretudo no interior da classe burguesa [xii].

A atitude objetiva moderna da juventude burguesa na Alemanha dos Anos Vinte, naquele tempo em ausência de intenção se mostrará apenas exterior.

Desta forma, a atitude objetiva moderna da juventude burguesa na Alemanha dos Anos Vinte, naquele **tempo em ausência de intenção** se mostrará apenas exterior. Ao invés do apego moderno ao pensamento analítico e aos cálculos, o que se observa é o antigo gosto das qualidades viris conquistadas, do vigor e da franqueza; é o estilo apaixonado e ardente que aparecem mais fortes e valem mais do que as doutrinas.



No dizer de Ernst Bloch, as palavras exaltantes parecem mais exatas à juventude do que as palavras investigativas; os costumes parecem mais belos do que as cidades em modernização. Suas análises visam mostrar que os sonhos passados, compreendidos no sentido já mencionado de atividade onírica in-dormida[xiii], se associam na juventude à inquietação orgânica de maneira propícia aos movimentos de exaltação personalista, como eram aqueles movimentos alheios à modernização compostos pela **montage** na burguesia.

O modo de ser dos adolescentes leva-os a formar facilmente seus clubes procurando fazer amigos e buscando, sobretudo um pai que freqüentemente não é o seu verdadeiro pai no sentido de comungar nos mesmos ideais. Os jovens eram seduzidos pela imagem feudal do herói *Chevaleresque* das antigas ordens estamentais.

Em sua obra “Le Príncipe Espérance”, a função utópica é estabelecida no conhecimento filosófico como pulsão imprescindível à auto-conservação, sendo a partir dessa compreensão que Ernst Bloch a classificará na extensão do desejo de ser melhor aquinhado, o qual resta em fato e necessariamente irrealizado no estado de atenção, base fenomenológica de toda a comunicação existencial.

Portanto, tendo em conta os fanatismos de era pródiga a Alemanha dos Anos Vinte, a análise desenvolvida por Ernst Bloch irá buscar nesse modo de ser dos adolescentes o exemplo que serve para compreender como a juventude era fácil de seduzir para ingressar em pequenos grupos com um líder conhecido no topo. Por esta via, destaca-se a facilidade dessa juventude burguesa alemã em deixar-se seduzir para participar em associações com juramento de sangue como então havia e aparecia como abnormal para a grande burguesia.

Quanto ao exame na *paysannerie* germânica dessa tendência refratária ao espírito da máquina e da racionalização será o **apego ao solo antigo** que se imporá como elemento ancestral.

► Entretanto, antes de nossa exposição a respeito disso, devemos sublinhar o alcance filosófico das análises de Ernst Bloch.



Trata-se de estabelecer a eficácia diferenciada em nível das superestruturas dos sonhos passados como *atividade onírica in-dormida* e, por esta via, preparar o estudo da *função utópica*.

Com efeito, já notamos que no realismo estético de Ernst Bloch a *função utópica* é enfocada como o conteúdo que em estado de princípio cada um pode encontrar nos diferentes Nós que apreende e que por este mesmo estado de princípio, por aspiração, a arte pode pôr no horizonte que lhe é essencial.

Em sua obra de 1954 “**Le Príncipe Espérance**” [xiv], a *função utópica* é estabelecida no conhecimento filosófico como pulsão imprescindível à auto-conservação, sendo a partir dessa compreensão que Ernst Bloch a classificará na extensão do **desejo de ser melhor aquinhoado**, o qual resta em fato e necessariamente irrealizado no estado de atenção, base fenomenológica de toda a comunicação existencial. Haverá, pois que distinguir dentre as imagens simbólicas ideais em que a sociologia estuda a moralidade ideológica aquelas outras que, ultrapassando-as, devem ser compreendidas, sobretudo como imagens-aspiração.

Vale dizer, se incluem nestas imagens-aspiração as anteriormente mencionadas imagens formadas de sonhos passados, as imagens diferenciadamente formadas pelo elemento onírico da arte que integram o ideal estético realista ou entelequial, sendo exatamente os sonhos passados que servem de critério da **não-contemporaneidade**.

Para Ernst Bloch o problema é saber a que se deve o enraizamento obstinado da paysannerie germânica, como espécie social com lastro na ambiência cultural do gótico tardio legado dos séculos XV e XVI.

Todavia, não se pensa que os conhecimentos sociológicos restam desatendidos na abordagem de Ernst Bloch. Em sua análise da ambiência dos camponeses alemães como **paysannerie** são considerados aqueles bem conhecidos aspectos sociológicos relevantes da sobrevivência do modo de produção pré-capitalista, tais como: ser o campesinato uma classe possuidora dos próprios meios de produção; utilizar ela as máquinas agrícolas fazendo-o, porém no quadro antigo extensivo à fazenda e ao campo ao seu redor; o desconhecimento em tal ambiência tradicional da figura do fabricante capaz de introduzir o ofício de tecer mecânico e as atividades manufatureiras correspondentes; neutralização das oposições econômicas entre explorados e exploradores devido ao desempenho do papel de patriarca ativo pelo rurícola rico apesar das diferentes relações de propriedade, etc.

Se estes aspectos têm validade para acentuar ou reforçar a tendência refratária à modernização não definem por si sós o conteúdo não-contemporâneo autêntico da *paysannerie*, nem explicam completamente o sentimento dos homens do campo de representarem um estamento em permanência relativamente unido.



Para Ernst Bloch o problema é saber a que se deve o enraizamento obstinado da *paysannerie* germânica como espécie social, tendo lastro na ambiência cultural do gótico tardio legado dos séculos XV e XVI.

Quer dizer, o enraizamento obstinado da *paysannerie* deve ser compreendido como afirmando-se no exterior da propriedade dos meios de produção pré-capitalistas e como originado da própria matéria que os homens do campo trabalham, que os entretém e os alimenta em modo imediato; deve ser compreendido como parte do seu próprio corpo, a saber: que os rurícolas das regiões mais vinculadas ao medievo são colados no solo antigo e no ciclo das estações.

Tal o conteúdo autenticamente não-contemporâneo da tendência refratária à modernização na *paysannerie* germânica que servirá a Ernst Bloch inclusive como referência para explicar a persistência da forma gótica.

Ou seja, além de uma mentalidade cheia de uma velha desconfiança afirmada no idiotismo, no embotamento, na tradição do costumeiro e da fé, o senso de ser ligado no solo e na fazenda e o individualismo do rurícola germânico mostram a persistência da forma gótica nas mansões, nos móveis, e nos costumes campestres como realidade da cultura [\[xv\]](#).

A Psicologia fenomenológica do tradicional na cultura.

Se quisermos fixar o esquema básico da sociologia literária de Ernst Bloch poderíamos começar por dizer que se trata de um estudo do tradicional na cultura (a) – considerado em oposição ao tempo presente do capitalismo dos Anos Vinte: o tradicional considerado efetivamente na tendência refratária à modernização acelerada; (b) – o tradicional como um campo estético diferenciado no âmbito das superestruturas.

A análise por Ernst Bloch vai mais longe do que o exame da correlação entre a tendência refratária à modernização e as formas pré-capitalistas sobreviventes. Buscando as manifestações dos sonhos passados como elementos oníricos in-dormidos e artísticos do tradicional na cultura, essa análise põe em relevo a eficácia estético-sociológica das imagens da interioridade apaziguante que têm por focos o solar, o solo, os "de baixo" [\[xvi\]](#).

Em uma abordagem de estratificação social descobre-se a psicologia coletiva (fenomenológica) dos de-baixo relacionada ao tipo do pequeno homem como abrangendo em linguagem sociológica (a) - a camada, ou melhor, a capa dos empregados definida por distancia social em relação aos peões de fábrica, (b) - a pequena burguesia



antiga empobrecida em conseqüência do progresso das corporações e por isso decepcionada.

Por esta via, se distinguem inicialmente duas situações:

Primeiro ponto: as imagens aparentemente relevantes dos determinismos sociais das formas pré-capitalistas, como imagens nas quais o pequeno homem que perdeu posição e aspira a recuperar o dinheiro perdido se encontra de soslaio, furtivamente, mas está integrado no tempo presente do capitalismo.

Se este pequeno homem oblíquo pode vir a integrar as fileiras do fanatismo, do *abnormal*, não será em modo definitivo posto que bastará sua situação econômica melhorar para que ele deixe de ser brutal. Observado sobre um fundo de desvario e entontecimento destaca-se que a modernização intensa trouxe ao pequeno homem a embriaguez da distração na mesma proporção em que acentuou a confusão de medo e piedade[xvii]. Para Ernst Bloch este pequeno homem oblíquo não deseja outra coisa que tornar a ser doméstico e recuperar sua sujeição a um senhor feudal, buscando a obediência com apego à ordem e hierarquia.

Entretanto - este é o segundo ponto - toda a outra coisa são as **imagens da interioridade apaziguante** no sentido de harmonização, afirmadas pelo pequeno homem no curso de sua experiência da modernização como entontecedora, imagens estas de procedência recente se comparadas às imagens feudais de busca da obediência.

Constata-se que, embora revelem um apelo que não atraí vantagens ou recompensas como as imagens da obediência atraem, as *imagens da interioridade apaziguante* são todavia representadas como imagens que já aparecem desgastadas, desbotadas, desanimadoras.

Dessa maneira a análise desenvolvida por Ernst Bloch classifica no primeiro ponto acima referido as imagens em que o pequeno homem vê a si mesmo em seu atraso cultural e social como integrante do capitalismo.

No segundo ponto, a análise classifica as imagens diferenciadas em que o pequeno homem simplesmente não se vê, não vê onde ele está, embora ele esteja totalmente no tempo presente do capitalismo, só que ele aí está em maneira amesquinhada e anestesiada.

Ernst Bloch empenha-se em busca do campo estético como o concretamente utópico e constata que as formas pré-capitalistas jamais realizaram os conteúdos visados do solar, do solo, dos "de baixo", de sorte que estes focos do tradicional na cultura já guardam desde o começo a qualidade de intenções insatisfeitas.



Mas não é tudo. O esquema da análise não é assim tão simples. Ernst Bloch empenha-se em busca do campo estético como o concretamente utópico. As formas passadas ou pré-capitalistas jamais tornaram em fatos realizados os conteúdos visados do solar, do solo, dos de-baixo, de sorte que estes focos do tradicional na cultura já guardam desde o começo a qualidade de intenções insatisfeitas.

Além disso, notando que estas intenções insatisfeitas passam ao longo da história por contradições veladas, Ernst Bloch as examinará desde a colocação em perspectiva filosófica, *para além da psicologia representacional*, tratando-as como *conteúdos intencionais não ainda trazidos à luz do passado na realidade da cultura*, o que o levará a definir o campo estético em eficácia como o concretamente utópico.

► A partir dessa orientação dialética em profundidade torna-se possível, portanto penetrar na psicologia fenomenológica do tradicional.

A análise descobrirá então o seguinte: (a) – que foram extintos os deveres, os ramos da cultura e estado mental da antiga pequena burguesia; (b) – que, oculto sob esta extinção, o pequeno homem se ressentido da falta de alguma coisa habitual, psíquica, móbil, e (c) – que este algo habitual em falta não é uma coisa somente econômica, mas é uma carência profunda que no seu ser ele opõe ao tempo do capitalismo.

Entrementes a análise passa a um grau maior de complexidade ante a constatação de uma coincidência na afirmação deste opor ou contrapor no ser do pequeno homem ao tempo mesmo do capitalismo. Ou seja, *o opor dessa ausência ressentida* é afirmada desde o âmbito interior do sujeito em feição apática e morna, enquanto no âmbito da vida exterior é afirmada junto com os vestígios estranhos inseridos no tempo presente do capitalismo, é afirmada coincidentemente com os vestígios dos tempos antigos pré-capitalistas que restaram.

Daí, dessa coincidência complexa, decorrem certas características da psicologia fenomenológica do tradicional, como psicologia em *ausência de móbil*, que em realidade configuram as características do campo estético.

O problema da análise é a coincidência no momento exterior: o opor não-contemporâneo do pequeno homem que coincide com as manifestações residuais da sociedade antiga sem implicar isto em correlações funcionais com as formas pré-capitalistas.

Com efeito, o problema da análise é a coincidência no momento exterior: o opor não-contemporâneo do pequeno homem que coincide com as manifestações residuais da sociedade antiga sem implicar isto em correlações funcionais com as formas pré-capitalistas.



► Desta forma, posto não haver correlações funcionais, Ernst Bloch assinalará não só a ausência de equilíbrio da carência profunda contraposta neste opor, por isso designado não-contemporâneo, mas classificará igualmente desequilibrada a contradição mesma em opor aquela carência profunda.

Isto será feito por duas razões, seguintes: (a) – porque essa notada contradição encontra-se em desalinhamento com as formas pré-capitalistas residuais; (b) – porque essa notada contradição constitui o fator de ativação dessa outra contradição interligada que é a modernização em contradição com a consciência da sociedade antiga, funcionalmente correlacionada esta sim àquelas formas pré-capitalistas.

Caso este que, por exemplo, é observado na consciência do "campesinato" (*paysannerie*) lá onde equivocadamente a classe dos camponeses se percebe a si própria como um estamento, à feição dos grupos tradicionais que caracterizaram as ordens feudais de *chevalerie*.

Mas não é só a explicitação dessa consciência extemporânea que a constatação da coincidência complexa nos apresenta. A carência profunda contraposta e a contradição no opor não-contemporâneo do pequeno homem comportam variação conforme a colocação em perspectiva do *shock* histórico no quadro social mais amplo no qual ele está inserido.

Acrescente-se que, como não-contemporaneidade, o caráter desalinhado dessa psicologia fenomenológica, sendo proveniente de antigas intenções insatisfeitas, deixa transparecer o que Ernst Bloch classifica como *sentimento de cólera recalçada*: um rancor excluído do campo consciente, mas permanecendo intacto em sua força na vida psíquica dos indivíduos.

Na medida mesmo desse transparecer são notados os dois eixos de variação da não-contemporaneidade dessa *psicologia de ausência de móbil*, a saber: (a) – em época apaziguante, essa cólera recalçada mantém-se próxima da feição apática e morna com que a ausência ressentida do algo habitual em falta afirma-se subjetivamente, todavia podendo aparecer ou como atitude exasperada ou como atitude meditativa, mas em todo o caso uma atitude daquele que se recolhia na intimidade de uma vida social que ele não mais acompanhava; (b) – entretanto, essa configuração se altera sob a época desordenada da modernização/industrialização acelerada dos Anos Vinte, na Alemanha, como região a mais enraizada no medievo, e o *recalque* poderá então irromper como a *rebelião da cólera retida*, notada exatamente a partir da ativação não só da consciência coletiva de outra época (antiga), mas da *ativação do próprio ser coletivo que lhe é subjacente*.

Segundo Ernst Bloch – e este será o coroamento do momento inicial de sua análise em busca do campo estético como o concretamente utópico, que expusemos nos parágrafos anteriores – tal potência daquela psicologia coletiva em ausência de móbil deve ser interpretada a partir dos rastros e das lacunas de certa expressão romântica (que nosso autor descreverá em certas formas literárias, como mencionamos em artigo anterior).



Ou, no dizer do próprio Ernst Bloch, deve ser interpretada tomando por base a constatação de que a pequena burguesia tradicional embeleza no presente do capitalismo o passado cultural, ela opõe a tal presente suas antigas aspirações não realizadas misturadas ao melhor relativo do passado.

Entretanto, esse embelezar estético do passado tem um componente trágico que, todavia, é concretamente utópico. Componente este que não é limitado ao fato de que o melhor relativo embelezado são os aspectos das formas pré-capitalistas cujos vestígios estão ultrapassados no presente do capitalismo em modernização.

Por esta via, o componente trágico no embelezar do passado que é também um componente concretamente utópico põe em relevo o modo do opor do pequeno homem como sendo um modo não-contemporâneo, porque se trata de um opor afirmado em face de um tempo presente no qual até mesmo a última satisfação também desapareceu[xviii]. Tal o concretamente utópico que define o campo estético em eficácia diferenciado no âmbito das superestruturas ao século XX para as regiões mais enraizadas no medievo.

©2008 by Jacob (J.) Lumier

A análise do problema do legado do passado dentro do processus histórico.

Continua na Página [O TRADICIONAL NA MODERNIZAÇÃO](#)



Notas Complementares

[i] Cf. tópico "**O Romantismo na Modernização**", Page "*Observações para a Crítica da Cultura*", link: <http://openfsm.net/people/jpgdn37/observacoes-para-a-critica-da-cultura>

[ii] Cf. Bloch, Ernst: **Héritage de ce Temps**, op. cit, p.211. Como se verá adiante, no termo *antiga cultura* Ernst Bloch tem em vista o **Gótico tardio**.

[iii] Ernst Bloch verificará em sua forma efetiva a *idéia de graus de realidade*, que é essencial à toda a manifestação possível de um pensamento histórico.

[iv] Cf. Bloch, Ernst: **Héritage de ce Temps (Erbschaft dieser Zeit**, Zürich, 1935), tradução de Jean Lacoste, Paris, Payot, 1978, 390 pp.

[v] Ver neste Website o ensaio **Crise do Romance e Individualismo** e o artigo **Crítica da Cultura e Surrealismo: para além da Psicanálise**.

[vi] Cf. Bloch, Ernst: **Héritage de ce Temps**, op. cit, p.211. Como se verá adiante, no termo *antiga cultura* Ernst Bloch tem em vista o **Gótico tardio**.

[vii] Cf. Ib, p. 208.

[viii] Cf. Bloch, Ernst: **Sujet-Objet: éclaircissements sur Hegel**, Gallimard, 1977, pág.34. (Edição em Alemão: **Subjekt - Objekt: Erläuterungen zu Hegel**, Berlin 1951; Editado em castelhano: **El pensamiento de Hegel**. Tradução Wenceslao Roces Mexico City/Buenos Aires 1949). Ver Lumier, Jacob (J.): "**A Crítica Dualista na Leitura de Hegel: uma reflexão a partir de A.Kojévê**", 2006, pdf, neste Website.

[ix] Embora seja um capitalismo tardio, lembre-se que a Alemanha nos anos vinte e trinta já vivia no tipo de sociedade global do capitalismo organizado e dirigista, onde a antiga cultura herdada do gótico tardio combinada às sobrevivências econômicas précapitalistas coexistiam com a intensa modernização e acelerada industrialização.

[x] Cf. Bloch, Ernst: **Héritage de ce Temps**, op. cit, pág. 95 sq.

[xi] Já dissemos que o *homem do campo* estudado por Ernst Bloch, dado seu distanciamento do moderno, está em um tempo bem diferente da *paysannerie* francesa, mas tem em semelhança o conteúdo econômico objetivo dos conflitos verificados no século XVI nas terras germânicas.

[xii] Cf. ib. pp. 96, 97 sq.

[xiii] Ver sobre esta noção de sonho como **atividade onírica in-dormida** o artigo **A Arte da Montage e a Modernização na Filosofia Literária de Ernst Bloch: comentários sobre Joyce e o surrealismo**, neste website.

[xiv] Bloch, Ernst: **Das Prinzip Hoffnung**, 3 vol., Berlin 1954/1955/1959. Tradução francesa **Le Principe espérance**, vol. 1, Paris, Gallimard, "Bibliothèque de philosophie", 1976.



[xv] Cf. Bloch, Ernst: **Héritage de ce Temps**, op. cit, pp. 98, 99.

[xvi] Cf. Bloch, Ernst: **Héritage de ce Temps**, op. cit, pp.103, 107 sq, 111.

[xvii] Sobre a confusão de medo e piedade, ver neste Website o citado artigo **A arte da Montage e a Modernização na Filosofia Literária de Ernst Bloch: comentários sobre Joyce e o surrealismo**.

[xviii] Cf. Bloch, Ernst: **Héritage de ce Temps**, op. cit, pp. 108.



O TRADICIONAL NA MODERNIZAÇÃO

Fragmentos para a Leitura de Ernst Bloch-II.

Por

Jacob (J.) Lumier

Esta obra está bajo una licencia Reconocimiento-No comercial-Sin obras derivadas 3.0 Unported de Creative Commons. Para ver una copia de esta licencia, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/> o envíe una carta a Creative Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, California 94105, USA.

Rio de Janeiro, 04 de Dezembro de 2008

Etiquetas: dialética, utopias sociais, milenarismo, insurgências camponesas, mundo moderno, ambiência tradicional, heresias cristãs, Alemanha, superestrutura, modernização.



Continuação da Página MILENARISMO E INSURGÊNCIA

A análise do problema do legado do passado dentro do processus histórico.

O legado do passado dentro do processus histórico como matéria das contradições contemporâneas não pode ser adequadamente contemplado caso o enfoque seja limitado ao capitalismo como ao presente em seu estágio último.

Neste ponto, a reflexão filosófica sobre os resultados do momento inicial da análise realista estética compreende uma orientação metodológica sobre o problema crítico histórico do modo de produção capitalista tirada do contexto dos anos vinte na Alemanha, ou melhor, compreende o alcance metodológico positivo e racionalista do concretamente utópico na análise do tradicional nas superestruturas.

Segundo Ernst Bloch, a análise do problema do legado do passado dentro do processus histórico – *dentro*, e não somente nos limites do mesmo, como a etnologia estuda as sociedades arcaicas – leva a valorizar a cultura antiga herdada do gótico tardio em vias de desaparecimento ante a intensa modernização/industrialização de um capitalismo então soberano e já corporativo naquela época de transição.

Por um lado, trata-se de um problema encaminhado pelas contradições entre as forças produtivas desencadeadas e as relações de produção, ditas contradições contemporâneas. Por outro lado, trata-se de um problema cujo equacionamento põe em relevo que, em parte, essas contradições se alimentam da matéria que a contradição não-contemporânea por sua vez não encontra no tempo presente, e busca de feição tão oblíqua no passado.

A Seqüência Racionalista e seu conteúdo fictício.

Quer dizer, a **matéria** das contradições contemporâneas não é somente a matéria das forças produtivas muito presentes ou desencadeadas com a modernização, mas é também a *negatividade extrema de tal situação*.

Situando as negatividades reificadas em uma seqüência racionalista *sui generis*, Ernst Bloch observará que é o homem ou o proletário alienado, o trabalho alienado, o fetiche



da mercadoria, em suma a *inconsistência do nada*, do vazio, que conduzem "por esta razão" a um **renversament dialectique** (reviravolta dialética), e, se conduzem a isto, será por *efeito de uma seqüência racionalista própria ao presente capitalista*.

Desta forma, enfatizando que o legado do passado dentro do processus histórico como matéria das contradições contemporâneas não pode ser adequadamente contemplado caso o enfoque seja limitado ao capitalismo como ao presente em seu estágio último, a reflexão filosófica de Ernst Bloch põe em questão metodológica tal seqüência racionalista, acentuando por contra o elemento positivo que essas negatividades reificadas comportam.

Diz-nos que esse elemento positivo se encontra no interior da contradição contemporânea e de sua matéria, no interior das negatividades reificadas e se apresenta sob a forma de alguma coisa que falta, se apresenta como a aspiração ao homem completo, ao trabalho não alienado, ao paraíso terrestre.

Na análise do tradicional como positividade, haverá que distinguir uma outra matéria diferenciada: a matéria de uma contradição que se rebela a partir de forças produtivas absolutamente não-desencadeadas: que se rebela a partir de conteúdos intencionais de uma espécie que permanece sempre não-contemporâneaⁱⁱ.

A distinção dessa matéria diferenciada surgirá em contraponto à seqüência racionalista das negatividades reificadas. Modo de contraponto exigido em face do *conteúdo fictício* subjacente ao caráter abstrato das seqüências conceituais.

Quer dizer, na seqüência racionalista, as negatividades reificadas passam por determinações coisistas inelutáveis da contradição que, *por suposição*, levam imperiosamente ao **renversement**, o qual, por sua vez, torna-se dessa *maneira fictícia* uma necessidade racionalista.

A totalidade com vários níveis de realidade histórica ou de passado.

Há que distinguir na análise blocheana do tradicional como positividade uma outra matéria diferenciada: a matéria de uma contradição que se rebela a partir de forças produtivas absolutamente não-desencadeadas: que se rebela a partir de conteúdos intencionais de uma espécie que permanece sempre não-contemporânea.

Desta sorte, a sociologia literária de Ernst Bloch não somente incluirá a análise do tradicional, mas por via de aprofundamento no concretamente utópico constatado nas superestruturas, atenderá à orientação metodológica posta em obra no estudo de tal positividade diferenciada.



Por sua vez, nesse estudo se distingue de início uma universalidade velada, com a qual a espécie que permanece sempre não-contemporânea é em contato: é o elemento subversivo e utópico do homem, da vida, que não foi satisfeito em época alguma, o qual, no realismo estético de Ernst Bloch, será apreciado como o elemento postulativo propriamente histórico-filosófico.

Em seguida, se nota que a positividade da espécie não-contemporânea é também em contato com as positivities que foram evocadas muito cedo contra o capitalismo como formas e elementos de uma matéria antiga.

Tratando-se em realidade de conteúdos intencionais, essas positivities precoces serão apreciadas como momentos da contradição não-contemporânea, seguintes: (a) – os elementos positivos da burguesia revolucionária, dentre os quais a natureza arcadiana, simbólico-bucólica, de Rousseau; (b) – os elementos positivos misturados de elementos da Restauração; (c) – os elementos misturados de abdicação da revolução, classificados “*ilusões de um passado não posto em dia*”, como o Moyen Âge do romantismo, incluindo neste, “*o renascimento de um mundo hierarquizado em feição qualitativa e orgânica a partir dos espaços vazios do problema da coisa em si*” (no sentido da insuficiência da crítica hegeliana ao kantismo de que nos fala Kierkegaard em *O Conceito de Angústia*ⁱⁱⁱ).

O fundamento da contradição não-contemporânea é o conto irrealizado do bom velho tempo, o mito literário, a lenda fabulosa mantida sem solução do velho ser obscuro da natureza. Nessa lenda fabulosa se encontra um passado não superado desde o ponto de vista do desenvolvimento das oposições econômicas, mas sob o aspecto material também é um passado que não foi ainda dignificado como passado.

Nesse aprofundamento metodológico do concretamente utópico, os momentos da contradição não-contemporânea já estão suscitados na vida do elemento que não foi satisfeito em época alguma, e também já o estão na *totalidade com vários níveis de realidade histórica ou de passado*.

Quer dizer, essa vida da espécie que permanece sempre não-contemporânea e essa **totalidade múltipla** com a qual é em contato configuram o marco de onde se tira a matéria autêntica que: (a) – se opõe à alienação e que (b) –, seja favorecendo o lado das forças da nova sociedade ou contemplando outros lados, inspira o que Ernst Bloch classifica “*o bravio de tornar in-domesticado*” (no sentido da figura do “bom selvagem”, de Montaigne a Diderot; aquele que se esquiva de relacionar-se com os homens e se apraz em viver sozinho e retirado). Mais ainda: o bravio do agarramento ao espaço, o bravio da natureza dionisíaca (extasiante, inspiradora, entusiasmante) e arcadiana embrulhadora (ou metamorfoseante).



Em poucas palavras: o *bravio de tornar in-domesticado* em suas modalidades na história literária da humanidade valem nessa filosofia estética histórico-crítica como manifestações da vida da espécie não-contemporânea.

Desta forma, se classifica essa **vida utópica** e essa **totalidade múltipla** (a) – como espécie humana sob o aspecto da criatura que não foi saciada (inclusive em sua aspiração); (b) – como a advertência profética e o testemunho de esferas (no sentido do conhecimento místico-simbólico) que, acentuando o alcance postulativo da matéria e na medida em que é uma reflexão desenvolvendo-se no âmbito do capitalismo, exigem da própria reflexão filosófico-sociológica a formulação em termos do problema dessa totalidade com vários níveis de tempos passados.

Note-se que Ernst Bloch ele próprio oferecerá em seu realismo estético uma formulação inicial dessa totalidade com vários níveis de tempos passados. Trata-se de uma formulação que (a) – ultrapassa o cálculo abstrato e reducionista inerente ao capitalismo bem como ultrapassa a orientação em metade racionalista que lhe corresponde também; (b) – desenvolve uma orientação ascética a respeito das exigências da “natureza fabulosa”, tomada esta como mero museu de todos os enigmas sem solução, o que levará nosso autor ao ideal estético realista.

Segundo Ernst Bloch e como já o notamos, o problema metodológico alcançando o modo de produção capitalista, o problema do legado do passado dentro do processus histórico, não pode ser adequadamente apreciado caso a reflexão filosófico-sociológica se limite ao capitalismo como ao presente em seu estágio último. O fundamento da contradição não-contemporânea é o conto irrealizado do bom velho tempo, o mito literário, a lenda fabulosa mantida sem solução do velho ser obscuro da natureza. Nessa lenda fabulosa se encontra um passado não superado desde o ponto de vista do desenvolvimento das oposições econômicas, mas sob o aspecto material também é um passado que não foi ainda dignificado como passado^[iii].

O realismo Estético, a análise das insurgências camponesas dos séculos XV e XVI e o elemento postulativo histórico-filosófico em obra: descobrindo o gótico tardio no milenarismo.

Neste ponto tem início o segundo desdobramento da reflexão estético-sociológica de Ernst Bloch, uma vez compreendido não só que a busca do campo estético, no primeiro desdobramento dessa reflexão, se realiza na constatação do concretamente utópico, mas que o âmago metodológico dessa busca é o problema filosófico do legado do passado dentro do processo histórico como superestrutura e, nesta última, como não-contemporaneidade.



Desta forma, neste segundo desdobramento da reflexão no capitalismo, mas para-além do presente capitalista, a análise do tradicional vai buscar o *paradigma da possibilidade objetiva* mediante uma reflexão que desenvolve um realismo estético.

Quer dizer, Ernst Bloch reexamina a corrente filosófica vinda de Avicena e Averroes, passando por alguns filósofos como Giordano Bruno e humanistas da Renascença como Júlio César Scalígero, mas tirada de Aristóteles e da sua Poética.

Trata-se da corrente filosófica que via na natureza a matéria grávida de formas e pendente de ulterior liberação, a **natura naturans**; tanto mais relevante porque uma corrente na qual se aproximam pensadores tão diferentes como Hegel e Schopenhauer (reaproveitando a este último para o pensamento dialético, Ernst Bloch será afastado das correntes marxistas por Georges Lukacs).

Com efeito, segundo Ernst Bloch esses dois pensadores coincidem na idéia de um parturejar artístico a partir da matéria-natureza grávida de forma, levando a conceber toda a arte em contínuo desenvolvimento a respeito do material elaborado como da elaborada matéria-sujeito da coisa.

Em ambos, o *artista* (a subjetividade) aparece como motor perfeccionante (*dator formarum*) e em Hegel a arte como o que converte cada uma de suas formas em uma Argos de mil olhos^[vi], a fim de que a alma interior e a espiritualidade sejam percebidas em todos os pontos do fenômeno^[vi].

Nota-se assim uma espécie (*species*) de educação artística de conteúdos criados pela formação na medida de um ideal estético prefigurado em modo imanente no fenômeno, um ideal como arquétipo *entelequial* imanente das coisas, dos caracteres, das situações^[vii].

O *artista moderno* é a força emancipadora e ao mesmo tempo aperfeiçoadora, pondo em relevo a configuração da matéria disposta já na matéria mesma, de tal sorte que a forma, a espiritualidade se torna idêntica ao *ideal entelequial*.

O *artista* não imita a natureza igual que um ator, mas, como um novo deus, leva a termo a criação. Nessa corrente filosófica tendente para os elementos de um realismo prevalece, pois, não a figura de Proteu, a qual se imporá na literatura e arte de vanguarda, mas sim a figura de Prometeu. A beleza artística é buscada em vista de pôr em relevo no existente, em maneira direta e sem encontrar a resistência do obstáculo, o real típico, e, igualmente, haverá que dar forma criadora à perfeição indicada nas normas e dimensões da matéria-natureza.

Segundo Ernst Bloch a passagem ao realismo estético pode ser detectada ainda no aristotelismo goetheano^[viii] no qual a função da enteléquia é colocada de cabeça para baixo e permanece inconclusa, ou seja: “o *artista, agradecido à natureza que também engendrou a ele, devolve a esta uma segunda natureza que desta feita é uma natureza sentida, pensada, aperfeiçoada humanamente*”.

É o *artista* que, como subjetividade ontologicamente orientada, *aspira a continuar pintando a natureza imanentemente*. Portanto, a arte criadora põe manifesto o típico ao mesmo tempo em que prefigura como ideal realista a *possibilidade não realizada ainda*, estimulando-a na realidade viva. Em poucas palavras *o ideal realista é imanente à realidade aberta*, à latência da possibilidade real, à matéria inconclusa.



► Tal a orientação filosófica para descobrir no realismo estético **o paradigma da crítica histórico-sociológica (compreensão do problema da possibilidade objetiva)** assimilada em Ernst Bloch, à luz do qual poderemos compreender porque esse autor examina como milenarismo o fenômeno coletivo da ambiência tradicional que muitos autores de sociologia estudiosos do espírito do capitalismo limitaram-se a abordar pelo aspecto mais exterior e particular no messianismo (para Max Weber trata-se de um aspecto das exaltações carismáticas).

Com efeito, na apreciação desse fenômeno coletivo da ambiência tradicional estudado em sociologia a partir da observação das insurgências camponesas intensificadas no século XV e tornando-se revolucionárias no século XVI, a análise desenvolvida por Ernst Bloch (a) – acentua a exigência metodológica de examinar sob orientação filosófica a manifestação dos camponeses revoltosos; (b) – põe em relevo a intervenção de clamores de outra índole que não apenas comportamentais; (c) – faz notar no evoluir autônomo desses clamores a latência da possibilidade real, a pegada do ideal estético realista em obra.

Tanto é assim que, mesmo destacando constituírem as apetências econômicas as motivações mais razoáveis e constantes, a análise por Ernst Bloch visará a influência exercida desde longe pelo evoluir autônomo da eficiente intervenção de conteúdos culturais e religiosos.

Aliás, note-se que este evoluir autônomo, por não se mostrar plenamente não-histórico, se revelará no fim histórico-filosófico e imprimirá o alcance postulativo, ascético do caráter espiritual e religioso como processus de auto-educação da linhagem humana^[viii].

Quer dizer, o fato de produzir-se uma época lendária de revolução comunista e cristã no século XVI, sobrepujando tudo o que fizeram os hereges anteriores, é um fato total que escapa à consideração apenas econômica.

Mesmo destacando constituírem as apetências econômicas as motivações mais razoáveis e constantes, a análise por Ernst Bloch visará a influência exercida desde longe pelo evoluir autônomo da eficiente intervenção de conteúdos culturais e religiosos como níveis da realidade estética.

O enfoque pelo aspecto econômico se arrisca não somente despojar aquele fenômeno coletivo do seu caráter originário como revolução social, mas tende a tornar reflexos e parecer irrealis, transladando-os ao plano meramente ideológico, (a) - tanto os



ali resplandecentes conteúdos profundos da história humana, quanto (b) - a própria visão in-dormida do *antilobo*, isto é a visão de um reino enfim fraternal^[xi].

Com esta abordagem crítico-histórica em profundidade, a análise desenvolvida por Ernst Bloch porá em destaque que o evoluir autônomo da eficiente intervenção de conteúdos culturais e religiosos tem pelo menos uma realidade sociológica: a realidade de estímulo.

Neste sentido, lembrando-nos de Weber e Marx, sustentará que as *exaltações visionárias* tão características das insurgências camponesas têm certo papel em sociologia bem reconhecido.

Desta sorte, Max Weber notará a compreensão de que as orientações *in-conexas* da vontade, junto com os conteúdos culturais e religiosos, devem ser considerados como complexos ideológicos superiores, dos quais depende a consciência econômica como estado do modo de produção em cada momento concreto.

Karl Marx, por sua vez, tivera notado a compreensão de que o papel de estímulo desempenhado pelas *exaltações visionárias* atua ao começo de toda a grande revolução: (a) – na medida em que os novos senhores da situação tornaram a se sentir pagãos como os romanos da antiguidade clássica; (b) – na medida em que os camponeses alemães dos séculos XV e XVI – mais tarde também os puritanos – tomaram emprestado do Antigo Testamento linguagem, paixões e ilusões para sua revolução burguesa; (c) – na medida em que até mesmo a Revolução Francesa se adornou com nomes, palavras de ordem e enfeites procedentes da época do Consulado e do Império romanos.

► Nada obstante Ernst Bloch insistirá na importância da **idéia milenarista** para a compreensão de uma grande revolução social como a do século XVI no ambiente tradicional agrário da cultura. Censurará a Karl Marx o positivismo deste ao ter arrancado o comunismo do âmbito da teologia para deixá-lo restrito ao da economia política e que, assim procedendo, Karl Marx privou o comunismo dos seus laços profundos com a idéia milenarista de sua origem, laços estes constatados tanto historicamente quanto congenitamente^[xi].

Compreendendo as exaltações visionárias e o milenarismo como crença coletiva real, o gótico tardio (séculos XV e XVI) é o fenômeno cultural da ambiência tradicional mais enraizada no medievo do qual se receberá a profundidade do sentimento passado pela realidade estética da cultura.

Podemos ver então no que seguirá que a compreensão do milenarismo decorre do ideal estético realista em obra (o evoluir autônomo da eficiente interveniência de antigos conteúdos culturais e religiosos) e que esta compreensão por este ideal entelequial^[xi] será confirmada e será recorrente em várias passagens textuais do



estudo por nosso autor sobre o teólogo milenarista Thomaz Munzer, lá onde se trata de sublimação ou sedução.

Ensina-nos Ernst Bloch (a) – que o milenarismo se faz de afeições, sonhos (o onírico in-dormido), emoções sérias e puras, entusiasmos projetados para um fim; (b) – que estas manifestações não decaem, mas contribuem para dar cor de realidade a um largo período da história e da vida social; (c) – que tais estados são provenientes de um ponto original criador e determinador de valores que há na alma humana; (d) – que tais estados mantêm em todo o tempo como assunto de permanente atualidade a orientação em profundidade do Século XVI.

Quer dizer, preserva-se ou atualiza-se o milenarismo, afirmado tanto na chamada guerra dos camponeses quanto no movimento anabatista como vertentes da marcha do **gótico tardio**, fenômeno cultural do qual se receberá a profundidade do sentimento passado pela realidade da cultura.

Ensina-nos ainda Ernst Bloch que, nesse caso das insurgências camponesas, do movimento iconoclasta e do espiritualismo, ademais dos elementos do desencadeamento e do conteúdo do conflito que são de ordem econômica, há que considerar justamente o elemento essencial originário em si mesmo, a saber: o retorno do mais antigo sonho; o maior espocar para todo o tempo da história das heresias; o êxtasis do caminhar erguido e da impaciente, rebelde e severa **vontade de paraíso** ^[xiii].

Na literatura de avant-garde encontram-se motivos artísticos recorrentes que não somente procedem da ambiência tradicional, mas que, confluindo justamente com a reflexão de Ernst Bloch, são tirados da própria história das heresias, como o é ademais a assinalada tentativa sonhada de Joyce.

Não deve causar espanto esta compreensão do ideal estético realista (entelequial) como posto em obra na história das heresias. Basta lembrarmos que outro pensador da estética sociológica como Georges Lukacs encontra na reflexão de Ernst Bloch e em sua pesquisa do concretamente utópico, uma grande admiração pela literatura de James Joyce e que esta admiração é confirmada como já o mencionamos na constatação de que o **Ulysse** de Joyce, datado em 1924, compreende como **leitmotif** uma tentativa a mais quimérica de refundar a escolástica no caos.

Quer dizer, na literatura de avant-garde encontram-se motivos artísticos recorrentes que não somente procedem da ambiência tradicional, mas que, confluindo justamente com a reflexão de Ernst Bloch, são tirados da própria história das heresias, como o é ademais a assinalada tentativa sonhada de Joyce.

Além disso, é digna de nota a coincidência de datas entre a notável obra crítico - histórica sobre Thomas Münzer, de Ernst Bloch, assunto deste nosso comentário, a qual é datada em 1921, e o **Ulysse**, de Joyce, que é de 1922.



Quer dizer, a pesquisa em história das heresias é uma orientação intelectual dos anos vinte, notada inclusive em Thomas Mann. Portanto, a apreciação mais detalhada dos temas dessa história das heresias através da análise em realismo estético, por Ernst Bloch, nos aproximará mais intimamente do universo literário do Século XX, em sua vertente de atualização das épocas renascentistas e modernas.

A Marcha do Gótico Tardio, a Renascença e a História das Heresias.

Sem dúvida, é pela história das heresias que se desvela em cor de realidade o caráter postulativo, ascético do ambiente tradicional mais enraizado no medievo. Não que tenhamos deixado de assinalá-lo, mas até este ponto só tivemos a oportunidade de mencionar a relevância na morfologia social da forma gótica, sua persistência como significação prática efetiva na vida rural através do feitio dos objetos, móveis e mansões.

Entretanto, com a história das heresias e muito mais profundamente do que um nível cristalizado, estático, apenas simbolizando a fixação do apego místico ao solo e à mansão, a análise do tradicional põe em relevo que se trata da própria configuração dinâmica da ambiência coletiva como um todo, se trata da marcha do gótico tardio caracterizando com a cor da realidade todo o complexo cultural insurgente dos séculos XV e XVI.

Observação esta tanto mais relevante quanto se põe em relevo a outra face da Renascença, da qual Ernst Bloch dirá ser, não a face mais conhecida das musas, do lirismo e versificação, mas a outra face, que é orientada no sentido do milenarismo desde Joaquim Di Fiori nos séculos XI e XII até Eckardt, Thomas Münzer, Paracelso, Jacob Boheme. Será esse gótico tardio em marcha que definirá o quadro de referência como incluindo a efervescência dos setores sociais e a rebeldia das massas, e delimitará o campo de percepção dos temas, sobretudo a Guerra dos Camponeses, o movimento iconoclasta (incluindo o anabatismo e os predicadores ambulantes), o espiritualismo (incluindo o visionarismo astrológico e o milenarismo).

A análise crítica do tradicional do ponto de vista da história das heresias põe em relevo na marcha do gótico tardio que se trata da própria configuração dinâmica da ambiência coletiva como um todo: a marcha do gótico tardio caracteriza com a cor da



realidade todo o complexo cultural insurgente dos Séculos XV e XVI.

A história das heresias compreende, pois as seguintes linhas:

(a) – a idéia milenarista como ultrapassando o messianismo e toda a expressão sociológica da crença coletiva real de que Jesus Cristo reinaria na Terra mil anos antes do Juízo Final. É a essa idéia que se liga a doutrina herética de Joaquim Di Fiori sobre o Terceiro Evangelho ou Evangelho Eterno, a qual será afirmada no século XVI por Thomas Münzer contra os papistas e como incentivo à preparação do advento do Senhor para realizar o Terceiro Império que então se cria iminente, como o Império que, na doutrina milenarista, haverá de seguir-se ao Império da Lei (triumfo do Deuteronômio no Estado Imperial Romano da Antiguidade Clássica) e ao Império da Graça (triumfo da Igreja no Sacro Império Romano-Germânico);

(b) – o movimento das seitas milenaristas constituídas sem continuidade direta com a doutrina de Di Fiori, mas que eram voltadas para a Preparação do Advento do Terceiro Império e afirmavam o sentimento de ser escolhido para tal Dia, o sentimento de formarem uma estirpe seleta, salvaguardada, constituída e favorecida para presenciar o Dia do Senhor;

(c) – a difusão e a afirmação da crença na idéia milenarista e no imperativo da Preparação como disseminando-se no ambiente tradicional das insurgências camponesas dos séculos XV e XVI, sobretudo em virtude da atuação dos predicadores andarilhos. Na análise blocheana, que investiga também a procedência superestrutural da idéia milenarista – como foco de criação de seitas, do milenarismo, da própria difusão e afirmação da crença – o que caracteriza a heresia cristã em sentido estrito é a experiência do êxtasis místico-ascético de sentir-se escolhido para presenciar o Dia do Senhor, experiência esta que forma a base da seita como realidade sociológica e místico-ascética do século XVI.

► Todavia, para visualizarmos a construção metodológica do gótico tardio como quadro de referência devemos desdobrar a compreensão da história das heresias desde o ponto de vista do ideal estético-realista (e não história religiosa).

Nessa abordagem será então posto em relevo o processus de passagem do elemento postulativo ou histórico-filosófico nas superestruturas, como o elemento que resta não-realizado e que se afirma correlativamente com o fortalecimento da interioridade do homem, base do individualismo campesino e de seu ascetismo.

Por esta via, a análise desdobrará o âmbito do misticismo católico, em vista de sobressair por sua vez o lado não milenário, por distinção de certos aspectos do misticismo católico precisamente mais compatíveis ao chamado milenário (tais como os apelos à introspecção, à viagem sem retorno, à santificação, à comunhão universal).

Compreender-se-á por este enfoque da interioridade do homem a diferença da **Igreja cultural**, seguinte: instituição pedagógica que, no sentido da apreciação paulina da Lei antiga, educa e dirige, mas que *no outro mundo não há lugar para ela*.



A história das heresias será diferenciada então em relação a esta *figura cultural* de uma *Igreja milenarista* (compreendendo os aspectos do misticismo católico acima relacionados) que, localizada no horizonte entre este mundo e o Mais-além, afirma o contraste de uma *Igreja invisível* sob a forma totalmente desconhecida pertencente ao tempo vindouro e ao Mais-além: a forma desconhecida da *comunhão dos santos*.

Mas não é tudo. Do ponto de vista estético realista que é o da análise por Ernst Bloch, o misticismo católico é percebido como estrato intermédio entre, por um lado, a estática *ideologia* do Corpo Místico de Cristo, sustentada por este mundo terrenal (nível do secular) e, por outro lado, a **verdadeiramente utópica idéia do Corpo Místico**, como correspondendo a um mundo autêntico.

Quer dizer, há uma repercussão desse *estrato intermédio* que alcança lá onde a filosofia relaciona o *mundo real* no domínio cultural, por um lado, com a visão de um *mundo que se fez realidade*, por outro lado – relacionar este que Ernst Bloch detecta como o componente estético-sociológico do conceito hegeliano de *realidade essencial*.

Seja como for, essa repercussão estética do catolicismo legado do Sacro Império Romano-Germânico afirma, pois, *conteúdos de índole cultural e não milenária*, desprovido do zelo cristão a todo o complexo cultural duradouro, de tal sorte que nesses conteúdos se torna perceptível o que a análise classificará de princípio universal mais suportável, a saber: o puro princípio cultural da Igreja, equiparável ao das grandes **utopias sociais** por uma vida melhor, como a de Saint-Simon, por exemplo^[xiii].

Sem dúvida, a percepção desse princípio cultural é fundamental para pôr em relevo o *elemento que resta não-realizado nas superestruturas*. Isto, não só porque a análise da história das heresias distingue duas linhas de afirmação do indivíduo – a da liberação externa do Eu e a do fortalecimento da interioridade – mas também porque desdobra uma compreensão diferenciada da ascensão capitalista.

Quer dizer, na abertura do mundo moderno há uma tensão cujos termos são, por um lado, o novo tipo de homem que surgiu com o capital: um homem emancipado e individual, e, em modo combinado, o novo tipo de dominação técnica e racional da existência.

Entretanto, na outra face desta tensão nota-se que tornaram a formular-se as primeiras utopias, colocando-se de novo o velho problema do Direito Natural em sua perspectiva do racionalismo estóico (*atitude ascética*), mas, desta feita com o horizonte da mentalidade burguesa, numa formulação que Max Weber examinará em ***A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo***.

Como se sabe, a análise weberiana contempla antes de tudo a racionalização, deixando-se influenciar pelo culturalismo abstrato.

Por contra, embora igualmente interessado no estudo da racionalização, Ernst Bloch investigará a nova formulação, tendo em conta o seguinte: (a) – a metamorfose a que o catolicismo primitivo submettera aquele velho problema do direito natural e (b) – o recobrimento superestrutural neoplatônico e escolástico do mesmo.

Entrementes, a percepção do princípio cultural da Igreja faz notar também uma profunda ambigüidade e certa complementaridade no processus dessa abertura do mundo moderno, acentuadas com a obra devastadora da revolução francesa ao fazer desmoronar por completo a superestrutura das relações econômicas do passado remoto (patriarcal)^[xiv].



Com essa ambigüidade e esse fragoroso desmoronamento aflorou na abertura do mundo moderno não só (a) – que a burguesia afirmou a vontade individual ao lograr um poder político e (b) – que esta mesma burguesia, em câmbio, permaneceu debilitada inclusive no aspecto de crença e reconhecimento público do seu modo de ser; mas também (c) – que, nas regiões do mais tenaz reduto do medievo, como a Alemanha, esse Eu externamente liberado e a ascensão capitalista levaram não ao poder político, mas ao predomínio de inumeráveis príncipes pavorosamente emancipados todos eles (conseqüência do fim do Sacro Império Romano Germânico), na base da ausência de unidade econômica combinando-se à falta no país de maturidade política e à inexistência de uma entidade jurídica.

Desta forma, com essa percepção da desagregação dos valores cavalerescos feudais em detrimento da pessoa dos camponeses, a análise por Ernst Bloch põe em relevo o seguinte:

Primeiro: com o desmoronamento da superestrutura de relações econômicas de um passado remoto, os demais países perderam a mentalidade comunitária;

Segundo: na Alemanha, essa mentalidade comunitária e até mesmo a profundidade do sentimento de interioridade herdado do gótico tardio e do afundamento (na consciência coletiva) do tabu sacramental, se subtraindo ao fracasso político, foram se refugiar no âmbito do meramente afetivo e emocional ^{lxvi} (daí surgirá a psicologia fenomenológica típica do pequeno homem e o concretamente utópico de que já falamos nas observações sobre os anos vinte).

Deste ponto em diante, tendo descoberto a partir da percepção do princípio cultural o estatuto ambivalente da mentalidade comunitária no quadro de abertura do mundo moderno, Ernst Bloch encontrará em alternativa à análise weberiana a abordagem concreta para a nova formulação do velho problema do direito natural, no exame do qual terá em conta o catolicismo primitivo e a escolástica. E o fará não pelo lado da mentalidade de acumulação capitalista, mas no horizonte da marcha do gótico tardio, estudando a comunidade primitiva sobre o enfoque da gradação de terrenal e supraterrâneo, cotejando a situação no século II, no século IV e no século XI a partir do contraste entre o aborrecimento do mundo e a sublimação estética do universo estatal racionalizado ^{lxvii}.

©2008 by Jacob (J.) Lumier



NOTAS COMPLEMENTARES

[xvii][xviii][xix][1]

[1]

[ii] Cf. Bloch, Ernst: **Héritage de ce Temps**, op. cit, pp.111.

[iii] Ver nesta obra em especial as argumentações críticas de Kierkegaard sobre a insuficiência e até impropriedade do posicionamento de Hegel ao incluir o problema da passagem da quantidade à qualidade no sistema da Lógica. Ver também mais adiante neste ensaio, à pág. 21, as observações de Ernst Bloch sobre a noção de **realidade essencial** na filosofia de Hegel.

[iv] Cf. Bloch, Ernst: **Héritage de ce Temps**, op. cit, pp.112.

[v] **Argos Panoptes**, mitologia grega.

[vi] Cf. G.W.F. Hegel: “**Lecciones sobre la Estética**”, apud Bloch, Ernst: “**Avicenna y la Izquierda Aristotélica**” (**Avicenna und die Aristotelische Linke**, Berlin 1951), Ciencia Nueva, Madrid, 1966 , pp.66 sq.

[vii] **Entelequial** no sentido de que o ideal estético em obra cria dependências, correlações, estímulos relacionados à sublimação.

[viii] Orientação esta que Ernst Bloch situa em relação ao Goethe que traduziu *P'Essai sur la peinture* de Diderot (1798) publicada em 1816.

[ix] Cf. Bloch, Ernst: **Thomas Münzer, Teólogo de la Revolución (Thomas Münzer als Theologe der Revolution**, München 1921) Editorial Ciencia Nueva, Madrid, 1968, pág. 66.

[x] Como se sabe, em face das teorias de hegemonia e dominação que partem da premissa que "o homem é o lobo do homem", a *visão de um reino enfim fraternal* pode ser figurada como **antilobo** (na crítica ao Direito Natural primitivo no âmbito da formação da filosofia social cristã, Ernst Bloch examinará o tema das relações com o Estado do Império Romano, figurado em relação ao problema do Mal).

[xi] O comunismo primitivo e espiritual será evocado na revolução camponesa do século XVI em consonância com a crença tirada da idéia milenarista de que haveria de preparar o advento do Terceiro Império como sendo o de Jesus Cristo, quem reinaria na Terra mil anos antes do Juízo final. Ver Bloch, Ernst: **Thomas Münzer, Teólogo de la Revolución**, op. cit.

[xii] Entelequial no sentido de que o ideal estético em obra cria dependências, correlações, estímulos relacionados à sublimação.

[xiii] Ver Bloch, Ernst: **Thomas Münzer, Teólogo de la Revolución**, op.cit. págs. 67, 68.



[xiii] Cf. Bloch, Ernst: **Thomas Münzer, Teólogo de la Revolución**, op. cit, págs.203-204. Sobre Saint-Simon e sua chamada utopia dos produtores, na medida em que *tuviera como objetivo común el desarrollo de la producción*, a sociedade industrial *se vería obligada a subordinar a este fin las reglas de la propiedad e incluso a replantear radicalmente el principio de la libertad*.

[xiv] A superestrutura correspondente ao antigo Sacro Império Romano Germânico.

[xv] Cf. Bloch, Ernst: **Thomas Münzer, Teólogo de la Revolución**, op. cit, pág. 200.

[xvi] Cf. Bloch, Ernst: **Thomas Münzer, Teólogo de la Revolución**, op. cit, págs. 181 a 204.

[xvii]

[xviii]

[xix]



Websitio Produção Leituras do Século XX – PLSV:

Literatura Digital

<http://www.leiturasilumieraautor.pro.br>

Rio de Janeiro, Janeiro de 2009



Websitio Produção Leituras do Século XX – PLSV:

Literatura Digital

<http://www.leiturasilumieraautor.pro.br>